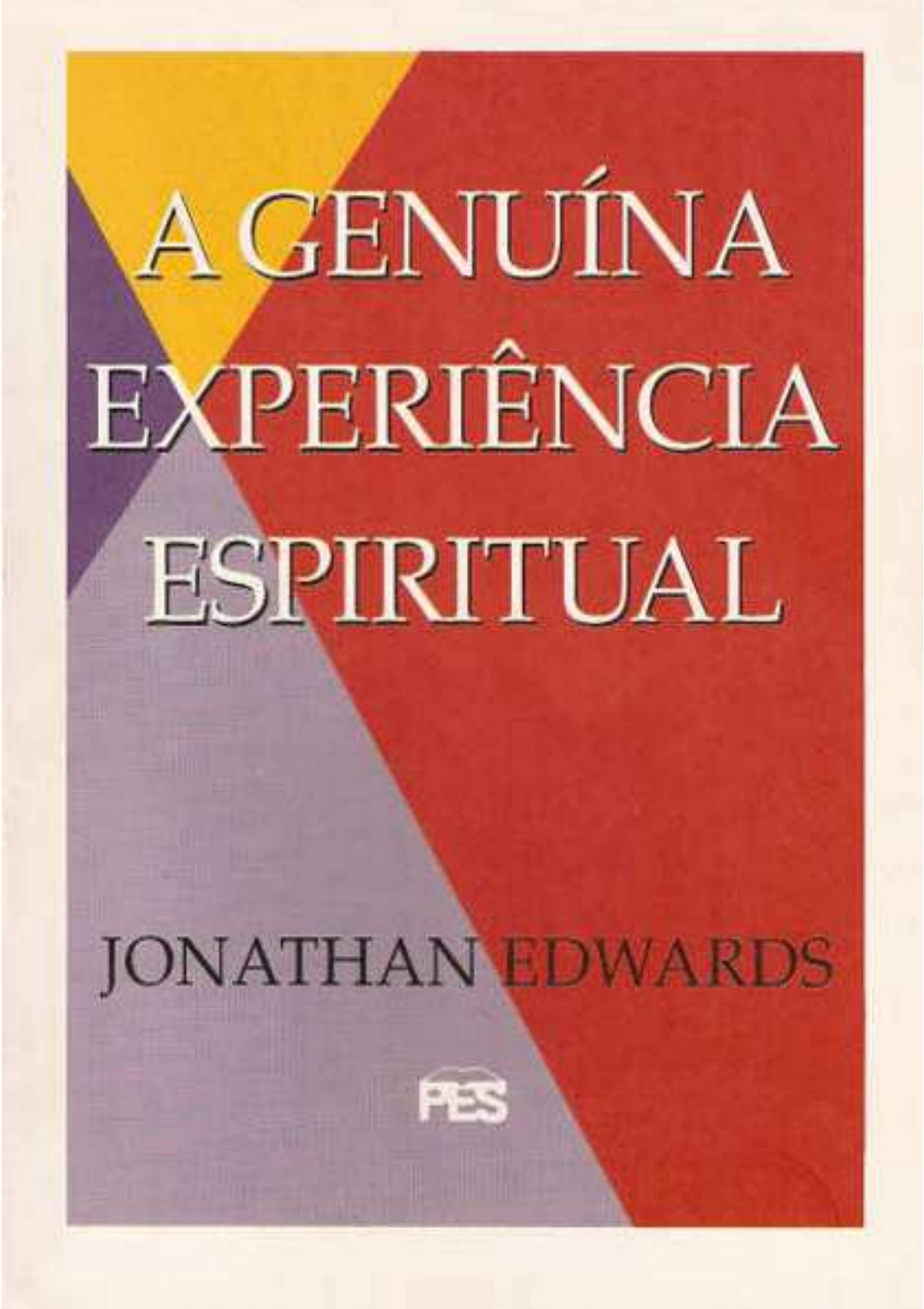


The book cover features a bold, geometric design with three overlapping triangular sections in yellow, purple, and red. The title is centered across these sections in a large, white, serif font with a subtle drop shadow.

A GENUÍNA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

JONATHAN EDWARDS

PES



A GENUÍNA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

ou

Experiência espiritual, verdadeira ou falsa?

Jonathan Edwards

Digitalizado por mazinho



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Uma versão reduzida, re-escrita para os leitores de hoje, a partir do clássico *A treatise concerning religious affections*, por Jonathan Edwards. A.M. (1703-1758)

A obra completa, em inglês, está disponível na Banner of Truth Trust, Edimburgo, EH126EL, Escócia

Preparado por Dr. N.R. Needham, B.D., PhD.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal, 1287 01059-970 - São Paulo, SP

Título original:
The experience that counts

Editora:
Grace Publications Trust, London

Primeira edição em inglês:
1991

Tradução do inglês:
Mareia Serra Ribeiro Viana

Revisão:
António Poccinelli

Capa:
Ailton Oliveira Lopes

Primeira edição em português:
1993

Composição e Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

Introdução	6
-------------------------	----------

Prefácio	8
-----------------------	----------

I – A natureza das emoções e sua importância no Cristianismo	11
---	-----------

1. Comentários iniciais sobre emoções	11
2. O que são emoções?	12
3. A verdadeira religião consiste principalmente em emoções	13
4. As emoções diferentes	15
5. A verdadeira religião é resumida no amor	17
6. Davi, Paulo, João e Cristo como exemplos de emoções santas.....	18
7. Emoções no céu	20
8. Emoções e nossos deveres religiosos	20
9. Emoções e a dureza de coração.....	21
10. Que ensinamentos sobre emoções podemos aprender de tudo isso?	22

II - Aquilo que não prova que nossas emoções vêm de uma verdadeira experiência de salvação	25
---	-----------

1. Experiências fortes e vivas não provam que nossas emoções sejam espirituais ou não	25
2. O fato de nossas emoções produzirem grandes conseqüências no corpo não prova que sejam espirituais ou não	27
3. O fato de nossas emoções produzirem grande calor e disposição para falar sobre o cristianismo não prova que sejam espirituais ou não	28
4. Emoções que não são produzidas por nosso próprio esforço podem ser ou não espirituais	29
5. O fato de nossas emoções virem acompanhadas por um versículo bíblico não prova que sejam ou não espirituais	32
6. Se nossas emoções parecem conter amor, isto não prova que sejam ou não espirituais	33
7. A existência de experiência de muitos tipos de emoções não prova que sejam ou não espirituais	34
8. Se conforto e alegria parecem seguir uma determinada ordem, isto não prova que nossas emoções sejam espirituais ou não	35
9. Se nossas emoções nos levam a despendar muito tempo nos deveres externos do culto cristão, aí não há prova que sejam ou não espirituais.....	39
10. O fato de nossas emoções nos levarem a louvar a Deus com nossas bocas não prova que sejam ou não espirituais.....	40
11. O fato de nossas emoções produzirem segurança de salvação não prova que sejam ou não espirituais	41

12. Não podemos saber se as emoções de alguém são espirituais ou não, somente por seu relato comovente	46
--	----

III - Os sinais que distinguem verdadeiras emoções espirituais.....49

1. Comentários iniciais.....	49
2. Emoções espirituais surgem de influências espirituais, sobrenaturais e divinas no coração	50
3. O propósito de emoções espirituais é a beleza das coisas espirituais, não o nosso próprio interesse.....	56
4. Emoções espirituais são baseadas na excelência moral das coisas divinas	60
5. Emoções espirituais surgem da compreensão espiritual	62
6. Emoções espirituais trazem uma convicção da realidade das coisas divinas	65
7. Emoções espirituais sempre coexistem com a humilhação espiritual	68
8. Emoções espirituais sempre coexistem com uma mudança de natureza	71
9. As emoções espirituais verdadeiras diferem das falsas, na promoção de um espírito de amor, humildade, paz, perdão e compaixão à semelhança de Cristo.....	72
10. As verdadeiras emoções espirituais enternecem o coração e existem juntamente com uma ternura do espírito cristão	76
11. As verdadeiras emoções espirituais, ao contrário das falsas, têm simetria e equilíbrio belíssimos	77
12. As verdadeiras emoções espirituais produzem um desejo por santidade mais profunda, diferentemente das emoções falsas as quais se satisfazem em si mesmas.....	79
13. O fruto das verdadeiras emoções espirituais é a prática cristã	81
14. A prática cristã é, para os outros, o principal sinal da sinceridade de um convertido	86
15. A prática cristã é sinal certo de conversão para a consciência da própria pessoa	88
16. Conclusão.....	94

INTRODUÇÃO

Jonathan Edwards (1703-1758), o maior teólogo da América, escreveu seu *Tratado sobre Afeições Religiosas* tendo como pano de fundo o Grande Despertamento, o equivalente americano do que os britânicos chamam de O Avivamento Evangélico. O próprio Edwards teve um papel de destaque no Despertamento, como pastor de uma igreja Congregacional em Northampton, Massachussetts.

O anseio de Edwards em diferenciar a experiência religiosa verdadeira da falsa resultou de sua preocupação pastoral no contexto de avivamento. Pregou uma série de sermões sobre I Ped. 1:8 tratando do assunto, em 1742-1743. O *Tratado* resultou da revisão do texto desses sermões para publicação em 1746.

Edwards teve que lutar em duas frentes. Por um lado, tinha que argumentar contra aqueles que descartavam todo o avivamento como histeria irracional; por outro, tinha que argumentar contra aqueles que pareciam pensar que tudo o que aconteceu no avivamento era "de Deus", não importa quão estranho, extremista ou desequilibrado isso fosse. Essas duas posições antagônicas parecem familiares?

Em sua tentativa de traçar um caminho intermediário entre esses extremos, a um tempo similares e opostos, Edwards confrontou-se com uma série de questões fundamentais: o que significa ser cristão? Seria o cristianismo um assunto meramente intelectual? E os desejos, sentimentos e experiências? O que é conversão? Como sabermos se as pessoas foram convertidas? Até que ponto devemos testar uma conversão aparente, para verificar se é real? Qual o papel da certeza da salvação na experiência cristã? Que experiências religiosas devem ser incentivadas e quais devem ser desencorajadas? Como podemos testar a sinceridade e veracidade de nossa fé? Quais os sinais de hipocrisia e desencantamento religioso?

Talvez não estejamos vivendo em meio a um avivamento, porém essas questões e as respostas dadas por Edwards são profundamente relevantes a nós hoje em dia.

Sentimentos e experiências talvez nunca tenham sido tão enfatizados e procurados com tanto anelo como estão sendo entre os cristãos de nossa geração. Os resultados muitas vezes têm sido espiritualmente

desequilibrados, sem discernimento e prejudiciais. Como reação, alguns já retrocederam a uma ortodoxia dura, fria e seca, vendo qualquer coisa "emocional" com profunda desconfiança.

Em Edwards encontraremos "um guia para o perplexo" - uma voz de sã clareza bíblica e espiritual para nos guiar, com segurança pela emaranhada confusão contemporânea nessa área crucial.

UMA NOTA SOBRE "AFEIÇÕES" E "EMOÇÕES"

A palavra "afeições" aparece no título original do livro de Edwards e freqüentemente em suas páginas. Hoje em dia, "afeição" significa um certo tipo de amor; nos tempos de Edwards, entretanto, tinha um significado muito mais abrangente. Decidi, portanto, modernizar a palavra, usando "emoções", por parecer o melhor equivalente moderno para o que Edwards significava com "afeições".

O Oxford English Dictionary dá uma lista de treze definições para "afeição"; a segunda e a quinta demonstram o que Edwards tinha em mente quando usava a palavra: "uma emoção ou sentimento"; "um estado mental para com alguma coisa: disposição para".

"Emoções", para Edwards, eram movimentos da vontade. De fato, na parte I, capítulo 2, ele define emoções como um movimento da vontade mais ardente, poderoso e ativo. Com o nosso intelecto ou razão, "vemos" as coisas; com a nossa vontade gostamos ou não daquilo que vemos. Assim, "emoção" sempre envolve tanto o intelecto quanto a vontade. Significa simplesmente (para Edwards) uma resposta forte da vontade para aquilo que o intelecto vê - não importa que a resposta seja desejo, esperança, alegria, amor, zelo, pena, tristeza, medo, raiva ou ódio.

Edwards chamava a essas respostas fortes da vontade "afeições".

Eu as chamei "emoções". Enquanto tivermos em mente as realidades sobre as quais falava Edwards, não importa muito como as denominamos. Entretanto, em virtude do limitado significado que "afeição" adquiriu na linguagem popular de hoje, parece-nos menos arriscado abandoná-la e usar "emoção" em seu lugar. Sempre que a palavra "afeição" aparecer nesta versão condensada, terá o significado moderno de "amor".

N.R. Needham

PREFÁCIO

A questão mais crucial para a raça humana e para todo o indivíduo é: *quais as características que distinguem as pessoas que gozam o favor de Deus - aquelas que estão de caminho para o céu ? Ou, de outra forma: qual a natureza da religião verdadeira ? Que tipo de religião pessoal é aprovado por Deus?*

É difícil dar uma resposta objetiva para esse tipo de questão controversa; mais difícil ainda *escrever* objetivamente a respeito. O mais difícil é *ler* objetivamente sobre o assunto! Possivelmente muitos de meus leitores ficarão magoados ao descobrirem que critiquei muitas emoções e experiências religiosas neste livro. Por outro lado, talvez, outros fiquem irados quanto ao que defendi e aprovei. Tentei ser equilibrado. Não é fácil sustentar o que é bom em avivamentos religiosos, examinando e rejeitando ao mesmo tempo o que é ruim neles. Contudo, seguramente temos que fazer as duas coisas se quisermos que o reino de Cristo prospere.

Admito que há algo muito misterioso no assunto; existe tanta coisa boa misturada com tanta coisa má na Igreja! É tão misterioso quanto a mescla de bem e mal no cristão como indivíduo; mas nenhum desses mistérios é novo. Não é novidade o florescimento de religião falsa em tempo de avivamento, ou o aparecimento de hipócritas entre os verdadeiros fiéis. Isso ocorreu no grande avivamento no tempo de Josias, como vemos em Jer. 3:10 e 4:3-4. O mesmo se deu nos dias de João Batista. João despertou toda a Israel por suas pregações, mas a maioria apostatou pouco depois. João 5:35 - "por um tempo, estão dispostos a se alegrar em sua luz". O mesmo ocorreu quando o próprio Cristo pregou; muitos O admiraram por um tempo, mas poucos foram fiéis até o fim. De novo, a mesma coisa ocorreu quando os apóstolos pregaram, como sabemos pelas heresias e divisões que perturbaram as igrejas durante o tempo dos apóstolos.

Essa mistura da religião falsa com a verdadeira tem sido a maior arma de satanás contra a causa de Cristo. É por isso que *devemos* aprender a distinguir entre a religião verdadeira e a falsa - entre emoções e experiências que realmente advêm da salvação e as imitações que são

exteriormente atraentes e plausíveis, porém falsas.

Deixar de distinguir entre religião verdadeira e falsa, tem conseqüências terríveis. Por exemplo:

(i) Muitos oferecem adoração falsa a Deus, pensando ser aceitável a Ele, mas que Ele rejeita.

(ii) Satanás engana a muitos sobre o estado de suas almas; desse modo arruína-os eternamente. Em alguns casos, satanás leva as pessoas a pensar que são extraordinariamente santas, quando na realidade são o pior tipo de hipócritas.

(iii) Satanás estraga a fé dos verdadeiros crentes; mistura deformações e corrupções à religião, causando os verdadeiros crentes a se tornarem frios em suas emoções espirituais. Ele confunde também a outros com grandes dificuldades e tentações.

(iv) Os inimigos explícitos do cristianismo se animam quando vêm a Igreja tão corrompida e desviada.

(v) Os homens pecam na ilusão de estarem servindo a Deus; portanto, pecam sem restrições.

(vi) Falso ensinamento ilude até os amigos do cristianismo a fazerem, sem perceber, o trabalho de seus inimigos. Destroem o cristianismo com muito mais eficiência que os inimigos declarados podem fazer, na ilusão de o estarem fazendo progredir.

(vii) Satanás divide o povo de Cristo e coloca-os uns contra os outros; os cristãos disputam acaloradamente, como que com zelo espiritual. O cristianismo degenera em disputas vazias; as partes em disputa correm para lados opostos, até que o caminho correto, ao meio, fica totalmente negligenciado.

Quando os cristãos vêm as terríveis conseqüências da falsa religião passar por religião verdadeira, suas mentes ficam perturbadas. Não sabem para onde se voltar nem o que pensar. Muitos duvidam da existência de qualquer realidade no cristianismo. Heresia, incredulidade e ateísmo começam a se propagar.

Por essas razões, é vital que façamos todo o possível para compreender a natureza da verdadeira religião. Até que o façamos, não podemos esperar que os avivamentos tenham longa duração, nem podemos esperar muito proveito de nossas discussões e debates religiosos, uma vez que sequer sabemos sobre o que estamos discutindo.

Meu plano é contribuir o máximo possível para a compreensão da

verdadeira religião, com este livro. Tenciono mostrar a natureza e os sinais da verdadeira obra do Espírito na conversão de pecadores, como também salientar aquilo que não é uma verdadeira experiência de salvação. Se tiver sucesso, espero que este livro ajude a promover o interesse no genuíno cristianismo.

Que Deus aceite a sinceridade de meus esforços, e que os verdadeiros seguidores do manso e amoroso Cordeiro de Deus aceitem minha oferta com mentes abertas e com orações!

/J. Edwards

PARTE I

A NATUREZA DAS EMOÇÕES E SUA IMPORTÂNCIA NO CRISTIANISMO

1. COMENTÁRIOS INICIAIS SOBRE EMOÇÕES

O apóstolo Pedro diz, sobre a relação entre cristãos e Cristo: "a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória." (1Ped. 1:8). Como os versículos anteriores deixam claro, os crentes a quem Pedro escreveu sofriam perseguição. Aqui, ele observa como seu cristianismo os afetou durante essas perseguições. Ele menciona dois sinais claros da autenticidade de seu cristianismo.

(i) - *Amor por Cristo*. "A quem, não havendo visto, amais." Os que não eram cristãos maravilhavam-se da prontidão dos cristãos em se expor a tais sofrimentos, renunciando às alegrias e confortos deste mundo. Para seus vizinhos incrédulos, estes cristãos pareciam loucos; pareciam agir como se detestassem a si mesmos. Os incrédulos não viam nenhuma fonte de inspiração para tal sofrimento. De fato, os cristãos não viam coisa alguma com seus olhos físicos. Amavam alguém a quem não podiam ver! Amavam a Jesus Cristo, pois viam-no espiritualmente, mesmo sem poder vê-lo fisicamente.

(ii) - *Alegria em Cristo*. Embora seu sofrimento exterior fosse terrível, suas alegrias espirituais internas eram maiores que seus sofrimentos. Essas alegrias os fortaleciam, possibilitando que sofressem alegremente.

Pedro nota duas coisas sobre essa alegria. Primeiro, ele nos fala da origem dela. Ela resultou da fé. "Não vendo agora, mas crendo, exultais."

Segundo, ele descreve a natureza dessa alegria: "alegria indizível e cheia de glória." Era alegria indizível, por ser tão diferente das alegrias do mundo. Era pura e celeste; não havia palavras para descrever sua excelência e doçura. Era também inexprimível quanto à sua extensão, pois Deus havia derramado tão livremente essa alegria sobre Seu povo sofredor.

Depois, Pedro descreve essa alegria como sendo "cheia de glória."

Essa alegria enchia as mentes dos cristãos, ao que parecia, com um brilho glorioso. Não corrompia a mente, como fazem muitas alegrias mundanas; pelo contrário, deu-lhe glória e dignidade. Os cristãos sofredores partilhavam das alegrias celestes. Essa alegria enchia suas mentes com a luz da glória de Deus, fazendo-os brilhar com aquela glória.

A doutrina que Pedro nos está ensinando é a seguinte: A RELIGIÃO VERDADEIRA CONSISTE PRINCIPALMENTE EM EMOÇÕES SANTAS. (Vejam a nota especial sobre EMOÇÕES na Introdução - N.R.N.)

Pedro destaca as emoções espirituais de amor e alegria quando descreve a experiência desses cristãos. Lembrem-se que ele está falando sobre fiéis que estavam sendo perseguidos.

Seu sofrimento purificava sua fé, resultando em que "redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (v.7). Estavam, assim, em condição espiritualmente saudável, e Pedro ressalta seu amor e alegria como evidência de sua saúde espiritual.

2. O QUE SÃO EMOÇÕES?

Nesse ponto pode-se perguntar: "O que exatamente quer dizer quando fala sobre emoções?"

Respondo da seguinte forma: "Emoções são as ações mais vivas e intensas da inclinação da alma e da vontade."

Deus deu às almas humanas dois poderes principais: o primeiro é a *compreensão*, pela qual examinamos e julgamos as coisas; o segundo poder nos permite ver as coisas, não como espectadores indiferentes, mas gostando ou não delas, agradando-nos ou não nelas, aprovando-as ou rejeitando-as. Às vezes chamamos a esse segundo poder, nossa *inclinação*. Relacionando-as com nossas decisões, normalmente damos-lhes o nome de *vontade*. Quando a mente exercita sua inclinação ou vontade, então muitas vezes chamamos à mente "*o coração*".

Seres humanos agem por suas vontades de duas formas, (i) Podemos nos *dirigir para* as coisas que vemos, apreciando-as e aprovando-as. (ii) Podemos nos *distanciar* das coisas que vemos, e rejeitá-las. Esses atos da vontade, é claro, diferem muito em grau. Algumas inclinações de gosto ou desgosto movem-nos somente um pouco além da apatia total. Existem

outros graus, nos quais o gosto ou desgosto é mais forte, até o ponto em que a força seja tal que agimos de modo enérgico e determinado. São esses atos mais enérgicos e intensos da vontade que chamamos de "emoções".

Nossa vontade e emoções não são coisas diferentes. Nossas emoções diferem dos atos casuais da escolha somente em sua energia e vivacidade. Admito, entretanto, que a linguagem pode expressar somente um sentido imperfeito dessa diferença. De certo modo, as emoções da alma são a mesma coisa que sua vontade, e a vontade nunca sai de um estado de apatia, exceto pelo sentimento. Todavia, há muitos atos da vontade que não chamamos de "emoções"; a diferença não está na natureza, e sim na força da atividade e na forma de agir da vontade.

Em todo ato da vontade, gostamos ou não daquilo que vemos. Nosso gosto por algo, se for suficientemente vigoroso e vivo, é exatamente a mesma coisa que a emoção do *amor*; e um desgosto igualmente forte é o mesmo que *ódio*. Era cada ato da vontade para ou em direção a algo, estamos em alguma medida *inclinados* àquela coisa; e se essa inclinação for forte, nós o chamamos de *desejo*. Em cada ato da vontade em que aprovamos algo, há um grau de prazer; e se o prazer for grande, nós o chamamos de *alegria* ou *delícia*. E se nossa vontade não aprova algo, ficamos desagradados em alguma medida; se o desagrado for grande, nós o chamamos de *pesar* ou *tristeza*.

Todo ato da vontade é relacionado com aprovação e preferência ou então com desaprovação e rejeição. Nossas emoções são, portanto, de dois tipos. Existem emoções que nos levam *para* o que vemos, unindo-nos ao que vemos ou apegando-nos a ele. Essas emoções incluem *amor*, *desejo*, *esperança*, *alegria*, *gratidão* e *prazer*. Existem por outro lado, emoções que nos afastam do que vemos, opondo-nos ao que vemos, incluem *ódio*, *medo*, *raiva* ou *pesar*.

3. A VERDADEIRA RELIGIÃO CONSISTE PRINCIPALMENTE EM EMOÇÕES

Quem pode negar que a verdadeira religião consiste principalmente em emoções - em ações vigorosas e enérgicas da vontade? A religião requerida por Deus não consiste em desejos fracos, opacos e sem vida, elevando-nos somente um pouco acima da apatia. Em Sua Palavra, Deus

insiste muito que sejamos sérios, espiritualmente dinâmicos e que nossos corações se envolvam vigorosamente no cristianismo. Devemos ser "fervorosos de espírito, servindo ao Senhor" (Rom. 12:11). "Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor requer de ti? Não é que temas o Senhor, teu Deus, andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma? (Deut. 10:12). "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força" (Deut. 6:4-5).

Esse envolvimento vivo, vigoroso do coração na verdadeira religião é o resultado da circuncisão espiritual, ou regeneração, a que pertencem as promessas de vida. "O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares ao Senhor teu Deus de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas" (Deut. 30:6).

Se não formos sérios no nosso cristianismo, e nossas vontades não forem vigorosamente ativas, nada somos. Realidades espirituais são tão imensas, que nossos corações não respondem adequadamente a elas, a menos que ajam dinâmica e poderosamente. O exercício de nossa vontade não é tão necessário em nada mais quanto é nas coisas espirituais; em nenhuma outra coisa a indiferença é tão odiosa. A verdadeira religião é poderosa, e seu poder aparece primeiramente no coração. É por isso que as Escrituras chamam a verdadeira religião "o poder da piedade", distinguindo-a da aparência exterior que é somente sua forma - "tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder" (II Tim. 3:5). O Espírito Santo é o Espírito de poderosa e santa emoção, nos verdadeiros cristãos. E por isso que as Escrituras dizem que Deus nos deu um espírito "de poder, de amor e de moderação" (II Tim. 1:5). Quando recebemos o Espírito Santo, dizem as Escrituras que somos batizados "com o Espírito Santo e com fogo" (Mat 3:11). Esse "fogo" representa as santas emoções que o Espírito produz em nós, de modo que "nos ardia o coração" (Luc. 24:32).

As Escrituras, às vezes, comparam nossa relação com coisas espirituais e as atividades que os homens desenvolvem vigorosamente nos assuntos seculares. Exemplos disso são: correr (I Cor.9:24), lutar (Ef. 6:12), sofrer por prêmio (Apoc. 2:10), lutar com fortes inimigos (I Ped. 5:8-9), e guerra total (I Tim. 1:18). A graça, naturalmente, tem intensidades, e existem cristãos em quem os atos da vontade dirigidos às coisas espirituais são comparativamente fracos. Todavia, as emoções de todo verdadeiro cristão - aquelas dirigidas a Deus- são mais fortes que suas emoções naturais e

pecaminosas. Todo autêntico discípulo de Cristo ama-O acima de "pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida" (Luc. 14:26).

Deus, que nos criou, não só nos deu emoções, porém fê-las a própria causa de nossas ações. Não tomamos decisões ou agimos, exceto se o amor, o ódio, o desejo, o medo ou alguma outra emoção, nos influenciar. Isso se aplica tanto a assuntos seculares como aos espirituais. É por isso que muitas pessoas ouvem a Palavra de Deus falando-lhes sobre coisas infinitamente importantes - sobre Deus e Cristo, pecado e salvação, céu e inferno - e ainda assim não há mudança em sua atitude ou comportamento. A razão é simples: o que ouvem, não as afeta. *Não toca suas emoções*. De fato, proclamo ousadamente que nenhuma verdade espiritual jamais mudou a atitude ou a conduta de alguém, a não ser que tenha despertado suas emoções. Nenhum pecador jamais desejou ardentemente pela salvação, nenhum cristão jamais acordou do frio espiritual, a não ser que a verdade tenha afetado o seu coração. Esta é a medida da importância das emoções!

4. AS EMOÇÕES DIFERENTES

As Escrituras, em toda parte, colocam a verdadeira religião principalmente em nossas emoções - no medo, esperança, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza, gratidão, compaixão e zelo. Consideremo-las por um momento.

Medo - As Escrituras fazem do temor a Deus a parte mais importante da verdadeira religião. Uma designação muitas vezes dada aos crentes pelas Escrituras é "tementes a Deus", ou aqueles "que temem ao Senhor." É por isso que a verdadeira piedade é comumente chamada "o temor a Deus".

Esperança - Esperança em Deus e em Suas promessas é, de acordo com as Escrituras, uma parte importante da verdadeira religião. O apóstolo Paulo menciona esperança como uma das três grandes coisas que formam a verdadeira religião (I Cor. 13:13). Esperança é o capacete do soldado cristão. "E tomando como capacete, a esperança da salvação" (I Tess. 5:8). É âncora da alma: "da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma, segura e firme" (Heb. 6:19). Às vezes o temor a Deus e a esperança são unidos como indicadores do caráter do verdadeiro crente: "Eis que os olhos do Senhor estão sobre os que o temem, sobre os que esperam na sua misericórdia"

(Sal. 33:18).

Amor -As Escrituras colocam a verdadeira religião exatamente na emoção do amor: amor por Deus, por Jesus Cristo, pelo povo de Deus, e pela humanidade. Os versículos que nos ensinam isto são inúmeros, e vou tratar do assunto no próximo capítulo. Deveríamos observar, entretanto, que as Escrituras falam da emoção contrária, o ódio - o ódio pelo pecado - como uma parte importante da verdadeira religião. "O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal" (Prov. 8:13). Conseqüentemente, as Escrituras chamam os crentes a provarem sua sinceridade do seguinte modo: "Vós, que amais ao Senhor, detestai o mal!" (Sal. 97:10).

Desejo - As Escrituras mencionam muitas vezes o desejo santo, expresso em anseio, fome e sede de Deus e de santidade, como uma parte importante da verdadeira religião. "No teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma" (Is. 26:8). "A minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, numa terra árida, exausta, sem água" (Sal. 63:1). "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos" (Mat. 5:6).

Alegria - As Escrituras falam da alegria como uma grande parte da verdadeira religião. "Alegrai-vos no Senhor, ó justos" (Sal. 97:12). "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos" (Fil. 4:4). "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria," etc. (Gal. 5:22).

Pesar - Pesar espiritual, contrição e coração quebrantado são uma grande parte da verdadeira religião, de acordo com as Escrituras. "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados" (Mat. 5:4). "Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus" (Sal. 51:17). "Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos". (Is. 57:15).

Gratidão - Outra emoção espiritual sempre mencionada nas Escrituras é gratidão, especialmente como expressa no louvor a Deus. Aparece tantas vezes, principalmente nos Salmos, que não preciso mencionar textos particulares.

Misericórdia - As Escrituras freqüentemente falam da compaixão ou misericórdia como essencial na verdadeira religião. Jesus ensinou que a misericórdia é uma das exigências mais importantes da lei de Deus: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mat.

5:7). "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque dais o dízimo da hortalã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé" (Mat. 23:23). Paulo enfatiza esta virtude tanto quanto Jesus o fez: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia" (Col. 3:12).

Zelo - As Escrituras dizem que o zelo espiritual é uma parte essencial da verdadeira religião. Cristo tinha a realização dessa qualidade em mente quando morreu por nós: "O qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras" (Tito 2:14).

Mencionei somente alguns textos, de um número enorme, que colocam a verdadeira religião exatamente em nossas emoções. Se alguém quiser *contestar* isto, deve jogar fora a Bíblia e encontrar outro padrão pelo qual julgue a natureza da verdadeira religião.

5. A VERDADEIRA RELIGIÃO É RESUMIDA NO AMOR

O amor é a principal de todas as emoções. É o que Jesus ensinou quando alguém Lhe perguntou qual era o maior mandamento: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Nestes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mat. 22:37-40).

O apóstolo Paulo ensinou a mesma coisa: "o cumprimento da lei é o amor" (Rom. 13:10). "O intuito da presente admoestação visa o amor que procede de um coração puro"(I Tim. 1:5). Em I Cor. capítulo 13, Paulo fala do amor como a maior coisa no cristianismo, sua essência e alma, sem o qual tornam-se inúteis o maior conhecimento, dons e obras.

Isto prova claramente que a verdadeira religião se encontra principalmente em nossas emoções. O amor não é, pois, somente uma das emoções, e sim, a maior delas (por assim dizer), a fonte de todas as outras. É do amor que surge o ódio - ódio pelas coisas que são contrárias ao que amamos. De um amor vigoroso, afetuoso e fervoroso a Deus surgem outras emoções espirituais: um ódio ao pecado; um temor de desagradar a Deus; gratidão a Deus por Sua bondade; alegria em Deus quando experimentamos

Sua presença; tristeza quando sentimos Sua ausência; esperança por um gozo futuro de Deus; zelo pela glória de Deus. Da mesma forma, amor ao nosso próximo produzirá todos os outros sentimentos corretos em relação a eles.

6. DAVI, PAULO, JOÃO E CRISTO COMO EXEMPLOS DE EMOÇÕES SANTAS

A religião dos santos mais notáveis nas Escrituras era de emoções. Vou dar destaque especial a três grandes santos, e a seu Mestre, para mostrar a verdade sobre essa afirmação.

Primeiro, consideremos o rei Davi, aquele homem segundo o coração de Deus, que nos deixou um retrato vivo de sua religião nos Salmos. Esses cânticos sagrados não são outra coisa senão o derramar de emoções santas e piedosas. Neles vemos um amor humilde e fervoroso a Deus, admiração por Sua perfeição gloriosa e feitos maravilhosos, desejos e sede da alma para com Ele. Encontramos alegria e felicidade em Deus, uma gratidão doce e comovente por Sua grande bondade, e um regozijo santo pelo Seu favor, suficiência e fidelidade. Vemos amor para com o povo de Deus e encanto nele, grande deleite na Palavra de Deus e suas ordenanças, tristeza pelos pecados do próprio Davi e de outros, e zelo fervoroso por Deus - como também contra os inimigos de Deus.

Essas expressões de emoção santa nos salmos são especialmente relevantes para nós. Os Salmos não exprimem somente a religião de um santo da estatura do rei Davi, mas o Espírito Santo também os inspirou para que os crentes os cantassem em culto público, no tempo de Davi e para sempre.

Consideremos, a seguir, o apóstolo Paulo. Pelo que as Escrituras dizem dele, parece ter sido um homem de vida emocional altamente desenvolvida, especialmente no que tange ao amor, o que se torna claro em suas cartas. Um amor ardentíssimo por Cristo parece tê-lo inflamado e consumido; retrata-se como subjugado por sua emoção santa, compelido por ela a seguir avante em seu ministério em meio a tantos sofrimentos e dificuldades (II Cor. 5:14-15). Suas cartas estão repletas de amor transbordante pelos cristãos. Ele os chama de seus amados (II Cor. 12:19; Fil. 4:1; II Tim. 1:2); fala de seu cuidado com afeição e carinho por eles (I Tess. 2:7-8) e freqüentemente fala

de seu anseio afetuoso e saudoso por eles (Rom. 1:11; Fil. 1:8; II Tess. 2:8; II Tim. 1:4).

Paulo expressa freqüentemente a emoção de alegria. Fala de seu regozijo com grande alegria (Fil. 4:10, Fm. v.7), de se alegrar extremamente (II Cor. 7:13), e sempre se alegrando (II Cor. 6:10). Vejam também I Cor. 1:12; 7:7,9,16; Fil. 1:4; 2:1-2; 3:3; Col. 1:24; I Tess. 3:9. Fala também de sua esperança (Fil. 1:20), seu zelo piedoso (II Cor. 11:2-3), e suas lágrimas de tristeza (At. 20:19,31 e II Cor. 2:4). Escreve sobre a grande e contínua tristeza em seu coração por causa da incredulidade dos judeus (Rom. 9:2). Não preciso mencionar seu zelo espiritual, que é óbvio em toda sua vida como apóstolo de Cristo. Se alguém puder examinar esses relatos bíblicos de Paulo, sem perceber que sua religião era de emoção, deve ter um estranho talento para fechar os olhos à luz que brilha diretamente em seu rosto!

O apóstolo João foi o mesmo tipo de homem. É evidente em tudo que escreveu, que era uma pessoa de vida emocional profunda. Dirige-se aos cristãos a quem escrevia de modo extremamente comovente e delicado. Suas cartas demonstram nada menos do que o amor mais fervoroso, como se ele fosse feito de afeição doce e santa. Não posso de fato dar provas disso, exceto citando suas cartas como um todo!

Maior de todos, o próprio Senhor Jesus Cristo teve um coração extraordinariamente terno e afetuoso e expressou Sua retidão abundantemente em emoções santas. Teve o mais ardoroso, vigoroso e forte amor por Deus e pelos homens que jamais existiu. Foi Seu amor santo que triunfou no Getsêmane, quando lutou com o medo e a dor, e quando Sua alma ficou "profundamente triste, até à morte" (Mat. 26:38).

Vemos que Jesus teve uma vida emocional forte e profunda durante Seus dias na terra. Lemos de Seu zelo por Deus: "O zelo da tua casa me consumirá" (João 2:17). Lemos sobre seu pesar pelos pecados dos homens: "indignado e condoído com a dureza dos seus corações" (Mar. 3:5). Chegou a derramar lágrimas quando considerou o pecado e a miséria do povo ímpio de Jerusalém: "Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou e dizia: ah, se conheceras por ti mesma ainda hoje o que é devido à tua paz!" (Luc. 19:41-42). Muitas vezes lemos sobre a misericórdia e compaixão de Jesus: vejam Mat. 9:36; 14:14; 15:32; 18:34; Mar. 6:34; Luc. 7:13. Como foi afetuoso o Seu coração quando Lázaro morreu! Quão afetuosas foram Suas palavras de despedida aos Seus discípulos na noite antes de ser crucificado! De

todas as palavras que jamais saíram dos lábios dos homens, as palavras de Cristo nos capítulos 14 a 16 do Evangelho de João foram as mais afetuosas e mais comoventes.

7. EMOÇÕES NO CÉU

Sem dúvida, no céu há religião verdadeira. Sem dúvida, no céu a religião é absolutamente pura e perfeita. De acordo com os quadros que as Escrituras nos dão do céu, a religião lá consiste principalmente em amor e alegria, expressos nos louvores mais fervorosos e exaltados. Ora, a religião dos santos no céu é a religião dos santos na terra, tornada perfeita. Aqui a graça é o amanhecer da glória futura. Textos como I Cor. capítulo 13, provam isso. Assim, se a religião do céu é uma religião de emoção, toda a religião verdadeira deve ser de emoção.

O modo de aprender a natureza verdadeira de qualquer coisa é ir até onde se encontra essa coisa em sua forma pura. Devemos, portanto, levantar nossas mentes até ao céu para sabermos como é a verdadeira religião. Isto ocorre porque todos os que são verdadeiramente espirituais não são deste mundo; são forasteiros aqui, pertencem ao céu. Nasceram do alto e o céu é sua pátria nativa; a natureza que recebem em seu nascimento celeste também é celeste. A vida da verdadeira religião no coração do verdadeiro crente é uma semente da religião do céu, e Deus nos prepara para o céu, conformando-nos a ele. Assim, se a religião do céu é de emoção, nossa religião na terra também deve ser semelhante.

8. EMOÇÕES E NOSSOS DEVERES RELIGIOSOS

A importância das emoções espirituais podem ser vistas a partir dos deveres que Deus designou como expressões de culto.

Oração - Declaramos em oração as perfeições de Deus, Sua majestade, santidade, bondade e absoluta suficiência, nosso próprio vácuo e desmerecimento, nossas necessidades e desejos. Mas, por quê? Não para informar a Deus dessas coisas, pois Ele já as conhece, e certamente não para mudar Seus propósitos e persuadi-LO que deveria nos abençoar. Não, declaramos, porém estas coisas para mover e influenciar nossos próprios corações, e dessa forma nos preparamos para receber as bênçãos que

pedimos.

Louvor - O dever de cantarmos louvores a Deus parece não ter outro propósito que o de excitar e expressar emoções espirituais. Podemos encontrar somente uma razão para que Deus ordenasse que nos manifestássemos a Ele tanto em poesia como em prosa, e em cântico como pela fala. A razão é esta: quando a verdade divina é expressa em poemas e cânticos, tem uma tendência maior a se imprimir em nós e mover nossas emoções.

Batismo e a Ceia do Senhor - O mesmo é verdadeiro com relação ao batismo e à Ceia do Senhor. Por natureza, as coisas físicas e visíveis nos influenciam muito. Assim, Deus não somente ordenou que ouvíssemos o evangelho contido em Sua Palavra, mas também que *víssemos* o evangelho exposto diante de nossos olhos em símbolos visíveis, de modo a nos influenciar ainda mais. Essas demonstrações visíveis do evangelho são o Batismo e a Ceia do Senhor.

Pregação - Uma grande razão porque Deus ordenou a pregação na Igreja é para gravar as verdades divinas em nossos corações e emoções. Não é suficiente que tenhamos bons comentários e livros de teologia. Estes podem iluminar nossa compreensão, porém não têm o mesmo poder que a pregação para mover nossas vontades. Deus usa a energia da palavra falada para aplicar Sua verdade aos nossos corações de forma mais particular e viva.

9. EMOÇÕES E A DUREZA DE CORAÇÃO

Outra prova que a verdadeira religião se encontra nas emoções, é que as Escrituras muitas vezes chamam o pecado de "dureza de coração". Considerem os seguintes textos:

"Olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza dos seus corações" etc. (Mar.3:5).

"Oxalá ouvísseis hoje a Sua voz! Não endureçais o vosso coração, como em Meribá, como no dia de Massa, no deserto; quando vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, não obstante terem visto as minhas obras. Durante quarenta anos estive desgostado com essa geração, e disse: é povo de coração transviado." (Sal. 95:7-10).

"O Senhor, por que nos fazes desviar dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para que te não tenhamos?" (Is.

63:17). "Mas endureceu a sua cerviz, e tanto se obstinou no seu coração, que não voltou ao Senhor, Deus de Israel" (II Cron. 36:13). Junto com esses textos, considerem também que as Escrituras descrevem a conversão como o tirar "da sua carne o coração de pedra", como o dar um "coração de carne" (Ez. 11:19; 36:26).

Um coração duro é obviamente aquele que não é fácil de mover ou impressionar com as emoções espirituais. É como pedra - frio, insensível, sem sentimento para com Deus e a santidade. É o oposto de um coração de carne, o qual tem sentimento e pode ser tocado e movido. Segue-se, portanto, que santidade de coração consiste principalmente em emoções espirituais.

10. QUE ENSINAMENTOS SOBRE EMOÇÕES PODEMOS APRENDER DE TUDO ISSO?

(i) Aprendemos quão grande erro é rejeitar todas as emoções espirituais como se não houvesse nada de sólido nelas. Este erro pode surgir após um avivamento religioso. Tendo em vista que as emoções vivas de tantas pessoas parecem desaparecer completamente tão depressa, as pessoas começam a desprezar todas as emoções espirituais, como se o cristianismo não tivesse nenhuma relação com elas.

O outro extremo é ver todas as emoções religiosas vigorosas como sinais de conversão verdadeira, sem inquirir sobre a natureza e fonte dessas emoções. Se as pessoas simplesmente parecem ser muito calorosas e cheias de loquacidade espiritual, os outros concluem que devem ser cristãos piedosos.

Satanás tenta nos empurrar de um extremo ao outro. Quando ele vê que emoções estão na moda, ele semeia seu joio entre o trigo; mistura emoções falsas com a obra do Espírito de Deus. Desse modo ele ilude e arruína eternamente a muitos, confundindo os verdadeiros crentes e corrompendo o cristianismo. Entretanto, quando as más conseqüências dessas emoções falsas se tornam aparentes, satanás muda sua estratégia. Tenta agora persuadir as pessoas que todas as emoções espirituais são inúteis. Desse modo, procura fechar tudo o que for espiritual para fora de nossos

corações, e transformar o cristianismo num formalismo sem vida.

O correto é não rejeitar todas as emoções, nem aceitá-las todas, e sim, diferenciá-las. Deveríamos aprovar algumas e rejeitar outras. Temos que separar o trigo do joio, o ouro da impureza e o precioso do sem valor.

(ii) Se a verdadeira religião repousa de tal maneira em nossas emoções, deveríamos dar muito valor àquilo que produz essas emoções em nós. Deveríamos desejar o tipo de livro, pregação, oração e cântico que afetarão nossos corações profundamente.

Não me interpretem mal. Estas coisas podem às vezes despertar as emoções de pessoas fracas e ignorantes sem lhes fazer qualquer bem à alma; isto porque é possível para estas coisas excitarem emoções que *não são espirituais e santas*. Deve haver uma apresentação clara e uma compreensão correta da verdade espiritual em nossos livros religiosos, nossas pregações, nossas orações e nossos cânticos. Sendo este o caso, quanto mais tocarem nossas emoções, melhor serão.

(iii) Se a verdadeira religião consiste em grande parte em nossas emoções, temos razão em nos envergonhar por não sermos mais influenciados pelas realidades espirituais.

Deus nos deu emoções para o mesmo propósito que todas as outras capacidades que possuímos, isto é, para servir ao fim principal do homem, sua relação com Deus. Todavia, como é comum que as emoções humanas se ocupem de tudo, exceto realidades espirituais! Em assuntos dos interesses mundanos das pessoas, seus prazeres externos, sua reputação, e suas relações naturais - nestas coisas, seus desejos anseiam, seu amor é quente e seu zelo é ardente.

No entanto, como a maioria das pessoas é insensível e indiferente quanto às coisas espirituais! Aqui seu amor é frio, seus desejos são morosos, sua gratidão pequena. Podem sentar e ouvir sobre o amor infinito de Deus em Jesus Cristo, a morte em agonia de Cristo pelos pecadores, e salvação pelo Seu sangue do fogo eterno do inferno, para as alegrias inexprimíveis do céu - e permanecem frias, sem resposta, desinteressadas! O que mais poderia mover nossas emoções, senão estas verdades? Coisa alguma poderia ser mais importante, mais maravilhosa ou mais relevante? Poderia algum cristão nutrir o pensamento que o glorioso evangelho de Jesus Cristo não moveria e excitaria as emoções humanas?

Deus planejou nossa redenção para que revelasse todas as maiores verdades de modo mais intenso e tocante. A personalidade humana e a vida

humana de Jesus revelam a glória e beleza de Deus na forma mais comovente imaginável. Assim como a cruz mostra o amor de Jesus pelos pecadores do modo mais comovente, também revela a natureza odiosa de nossos pecados de modo muito tocante, pois vemos o terrível efeito que nossos pecados tiveram em Jesus, ao sofrer por nós. Na cruz também vemos a revelação mais impressionante do ódio de Deus pelo pecado, e Sua justiça e ira ao puni-lo. Mesmo sendo Seu próprio e infinitamente amado Filho que tomou o nosso lugar, Deus abateu-O com a morte. Quão rigorosa é a justiça divina, rigorosa e quão horrível a sua ira! Daí, então como deve ser grande a nossa vergonha, visto que estas coisas não nos atingem mais!

PARTE II

AQUILO QUE NÃO PROVA QUE NOSSAS EMOÇÕES VÊM DE UMA VERDADEIRA EXPERIÊNCIA DE SALVAÇÃO

Emoções religiosas podem ser naturais ou espirituais na sua origem. Podem existir em pessoas que não são salvas, assim como naquelas que são verdadeiramente convertidas. Nesta parte do livro, vou examinar experiências que não provam que nossas emoções sejam espirituais nem que não sejam espirituais em sua natureza. Noutras palavras, quero que examinemos experiências que nada nos dizem quanto à espiritualidade ou não de nossas emoções.

1. EXPERIÊNCIAS FORTES E VIVAS NÃO PROVAM QUE NOSSAS EMOÇÕES SEJAM ESPIRITUAIS OU NÃO

Algumas pessoas condenam todas as emoções fortes. Têm preconceito contra qualquer um com sentimentos poderosos relacionados a Deus e coisas espirituais. Instantaneamente pressupõem que tais pessoas estão iludidas. Mas se a verdadeira religião reside em nossas emoções, como provei, segue-se que grandes porções da verdadeira religião na vida de alguém produzirá grandes emoções.

Amor é uma emoção: acaso algum cristão diria que não devemos amar a Deus e a Jesus Cristo em grande medida? Ou ainda, alguém diria que não deveríamos sentir enorme ódio e tristeza em relação ao pecado? Ou que não deveríamos ter grande gratidão a Deus por Sua misericórdia? Ou ainda, que não deveríamos desejar muito a Deus e à santidade? Porventura algum cristão poderia dizer: “Estou totalmente satisfeito com a medida do amor e gratidão que sinto para com Deus, e com o ódio e tristeza que sinto quanto ao pecado? Não haveria necessidade de orar para ter uma experiência mais profunda dessas coisas?”

Em I Ped. 1:8 fala-se de emoções fortes e intensas quando diz: "exaltaís com alegria indizível e cheia de glória". De fato, as Escrituras

requerem, muitas vezes, sentimentos fortes. No primeiro e grande mandamento, as Escrituras exaurem os recursos da linguagem para expressar o grau em que deveríamos amar a Deus: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força" (Mar. 12:30). As Escrituras também nos ordenam que sintamos grande alegria: "Os justos, porém, se regozijam, exultam na presença de Deus e folgam de alegria" (Sal. 68:3). Frequentemente nos chamam a sentir grande gratidão pelas misericórdias de Deus.

Os crentes mais notáveis, cujas experiências são registradas nas Escrituras, muitas vezes expressam emoções intensas. Tomemos como exemplo o salmista. Ele menciona seu amor como sendo indizível: "Quanto amo a tua lei!" (Sal. 119:97). Ele descreve altos graus de anseio espiritual: "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma" (Sal. 42:1). Fala de grande dor pelos seus próprios pecados e pelos pecados dos outros: "Pois já se elevam acima de minha cabeça as minhas iniquidades; como fardos pesados excedem as minhas forças" (Sal. 38:4). "Torrentes de água nascem dos meus olhos, porque os homens não guardam a tua lei" (Sal. 119:136). Ele expressa fervorosa alegria e louvor espiritual: "Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam. Assim cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver; em teu nome levanto as mãos... à sombra das tuas asas eu canto jubiloso" (Sal. 63:3-4,7).

Isto prova que a existência de emoções religiosas em altíssimo grau não é necessariamente um sinal de fanatismo. Estamos seriamente errados se condenamos as pessoas como fanáticas somente porque suas emoções são fortes e vivas.

Por outro lado, o fato de nossas emoções *serem* fortes e vivas não prova que sejam verdadeiramente espirituais em sua natureza. As Escrituras nos mostram que as pessoas podem se tornar excitadas sobre religião, sem serem verdadeiramente salvas. No Velho Testamento, por exemplo, a misericórdia de Deus para com os israelitas no êxodo moveu grandemente suas emoções, e cantaram Seus louvores, Ex. 15:1-21. Todavia, esqueceram Suas obras rapidamente. A dádiva da lei do Sinai os comoveu mais uma vez; pareciam cheios de entusiasmo santo, e bradaram: "Tudo o que o Senhor falou, faremos" (Ex.19:8). Não obstante, logo depois estavam adorando o bezerro de ouro!

No Novo Testamento, as multidões em Jerusalém professaram grande admiração por Cristo, e louvaram-no grandemente. "Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!" (Mar. 21:9). Contudo, quão poucos daqueles eram verdadeiros discípulos de Cristo. Logo as mesmas multidões gritariam, "Crucifica-O!... Crucifica-O!" (Mar. 15:13-14). Todos os teólogos ortodoxos concordam que sentimentos sobre o cristianismo podem ser muito vigorosos sem nenhuma experiência autêntica da salvação.

2. O FATO DE NOSSAS EMOÇÕES PRODUZIREM GRANDES CONSEQÜÊNCIAS NO CORPO NÃO PROVA QUE SEJAM ESPIRITUAIS OU NÃO

Todas as nossas emoções afetam nosso corpo. Isso resulta da íntima união entre corpo e alma, carne e espírito. Não surpreende, então, que fortes emoções tenham grande efeito no corpo. Entretanto, emoções fortes podem ser de origem natural ou espiritual. A presença de conseqüências corporais não prova que as experiências sejam simplesmente naturais ou verdadeiramente espirituais.

Emoções espirituais, quando poderosas e profundas, certamente podem produzir grandes efeitos físicos. O salmista diz: "Meu coração e minha carne exultam pelo Deus vivo" (Sal. 84:2). Aqui encontramos uma clara diferença entre coração e corpo; sua experiência espiritual afetou a ambos. Diz ele, mais uma vez, "a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja" (Sal. 63:1). De novo, há uma clara diferença entre alma e corpo.

O profeta Habacuque fala de sua sensação da majestade de Deus dominando seu corpo: "Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu, à sua voz tremeram os meus lábios, entrou a podridão nos meus ossos, e os joelhos me vacilaram" (Hab. 3:16). Encontramos a mesma coisa no salmista: "arrepia-se-me a carne com temor de ti" (Sal. 119:120).

As Escrituras nos falam de revelações da glória de Deus que tiveram poderosos efeitos corporais naqueles que as viram. Por exemplo, Daniel: "não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma" (Dan. 10:8). Eis como o apóstolo João reagiu a uma visão de Cristo: "Quando o vi, caí a seus pés como morto" (Apoc. 1:17). Não adianta protestar dizendo que estas foram revelações aparentes e não

espirituais, da glória de Deus. A glória exteriorizada foi um *sinal* da glória espiritual de Deus. Daniel e João teriam entendido isto. A glória aparente não os dominou somente por seu esplendor físico, mas precisamente por ter sido um sinal da infinita glória espiritual de Deus. Seria presunçoso dizer que em nossos dias Deus jamais dá ao crente visões espirituais de Sua beleza e majestade que produzem efeitos físicos semelhantes.

Por outro lado, efeitos físicos não provam que as emoções que os produziram sejam espirituais. Fortes emoções que não são verdadeiramente espirituais em sua origem podem produzir grandes efeitos físicos. Portanto, não podemos indicar o simples efeito físico como prova de que nossa experiência venha de Deus. Precisamos de outra maneira para testar a natureza das nossas emoções.

(*Nota:* Edwards gasta quase todo este capítulo argumentando que emoções espirituais produzem grandes efeitos físicos (não que elas sempre ou até normalmente o façam.) Devemos lembrar-nos que ele escrevia no contexto de um dos maiores avivamentos conhecidos na história da Igreja, quando as pessoas tendiam a desmaiar, chorar e tremer sob a poderosa pregação da Palavra de Deus. Edwards estava preocupado em defender a integridade do avivamento contra a acusação de que tais fenômenos físicos provavam que era tudo meramente histeria. Talvez em nossos dias - no momento em que escrevemos não são dias de avivamento - Edwards pudesse ter alterado sua ênfase de algum modo, e acentuando que a vivacidade física na adoração não é garantia de que seja genuína ou que o Espírito Santo esteja presente! - N.R.N.).

3. O FATO DE NOSSAS EMOÇÕES PRODUZIREM GRANDE CALOR E DISPOSIÇÃO PARA FALAR SOBRE O CRISTIANISMO NÃO PROVA QUE SEJAM ESPIRITUAIS OU NÃO

Muitas pessoas têm fortes preconceitos contra aqueles que falam calorosa e prontamente de coisas espirituais. Condenam-nos como sendo hipócritas vaidosos. Por outro lado, muitos supõem por ignorância que os conversadores desembaraçados devem ser verdadeiros filhos de Deus.

Dizem: "Deus abriu-lhe a boca! Costumava ser moroso ao falar, porém agora está pleno e desinibido na expressividade. Abriu seu coração, fala de suas experiências e dá glórias a Deus". Se essa abundância de fala religiosa parece calorosa e séria, convence a muitos de modo especial que deve ser um sinal de conversão.

Contudo, não é necessariamente um sinal de conversão. Aqueles que pensam assim estão confiando em suas próprias idéias e não submetendo-se às Escrituras Sagradas como seu guia. Não há, nas Escrituras, lugar que afirme que a linguagem espiritual seja um verdadeiro sinal de conversão. Pode ser simplesmente a religião da boca, que é simbolizada nas Escrituras pelas folhas de uma árvore. Nenhuma árvore deveria estar sem folhas, no entanto estas não provam que a árvore seja boa.

A prontidão em falar sobre coisas espirituais pode vir por bom motivo, ou por motivo mau. Talvez seja porque a pessoa está com o coração pleno de emoções santas - "porque a boca fala do que está cheio o coração" (Mat. 12:34). Por outro lado, pode ser resultado de seu coração estar cheio de emoções que não sejam santas. É da natureza de todas as emoções fortes que as pessoas tenham prontidão em falar sobre aquilo que as afetou. Tal conversa será, de fato, tão séria quanto calorosa. Assim, as pessoas que falam livre e calorosamente sobre coisas espirituais estão, obviamente, excitadas sobre o cristianismo; mas já mostrei que o entusiasmo religioso pode existir sem haver uma experiência de salvação verdadeira.

Algumas pessoas transbordam de conversa sobre suas experiências; falam sobre elas em todos os lugares e com todos. Isso é mau sinal. Uma árvore muito cheia de folhas normalmente não dá muito fruto. Emoções falsas, se fortes, são mais rápidas para se declarar do que as verdadeiras emoções. É da natureza da religião falsa amar sua própria ostentação, como faziam os fariseus.

4. EMOÇÕES QUE NÃO SÃO PRODUZIDAS POR NOSSO PRÓPRIO ESFORÇO PODEM SER OU NÃO ESPIRITUAIS

Muitos condenam todas as emoções que não resultam da produção natural da mente. Ridicularizam a idéia de podermos de fato sentir o Espírito Santo operando poderosamente em nós. O Espírito, dizem, sempre opera em

silêncio, de modo invisível. Insistem que Ele só opera mediante as verdades da Bíblia e através dos nossos próprios esforços, isto é, a oração. Portanto, concluem, não temos como distinguir entre a obra do Espírito e as operações naturais de nossas próprias mentes.

É verdade que não temos direito de esperar que o Espírito de Deus opere em nós se negligenciarmos coisas como o estudo bíblico e a oração. É também verdade que o Espírito opera de formas diferentes - às vezes silenciosa e invisivelmente.

Mesmo assim, se a experiência de salvação nos vem de Deus, por que não deveríamos *sentir-la*? Não produzimos salvação por nossos próprios esforços. A operação natural de nossas mentes não produz salvação. É o Espírito do Todo-poderoso que produz salvação em nossos corações. Por que, então, não deveríamos sentir que o Espírito opera em nós? Se sentimos isso, sentimos somente o que é verdadeiro.

Estamos, portanto, errados ao tacharmos as pessoas de iludidas somente por dizerem que sentiram o Espírito Santo operando nelas. Chamar a isso de ilusão é como dizer: "Você sente que sua experiência é de Deus. Bem, isto prova que sua experiência não vem de Deus!"

As Escrituras descrevem a salvação de um pecador como um renascimento (João 3:3), uma ressurreição da morte (Ef. 2:5), uma nova criação (II Cor. 5:17). Essas descrições têm uma coisa em comum. *Todos descrevem eventos que não poderiam ser produzidos pela pessoa que os experimentou.* Somente Deus é autor da regeneração do pecador, ressurreição espiritual e nova criação. Porventura um pecador que tem a experiência de Deus operando em sua vida desse modo, não perceberá que é Ele que o está salvando? Sem dúvida é por isso que as Escrituras descrevem a salvação como regeneração, ressurreição e nova criação. Essas palavras testemunham o fato de que a experiência de salvação não se origina em nós mesmos.

Na salvação, Deus opera com um poder que é, obviamente mais que humano. Dessa forma Ele nos impede de nos vangloriar do que *nós* fizemos. Por exemplo, quando Deus salvou a Seu povo, nos dias do Velho Testamento, sua experiência tornou claro que não haviam salvo a si próprios. Quando Deus os tirou do Egito, por ocasião do êxodo, primeiro permitiu que sentissem seu próprio desamparo; então os redimiou por Seu poder miraculoso. Ficou claro para eles que Deus era seu Salvador.

Vemos a mesma experiência do poder de Deus na maioria das conversões descritas no Novo Testamento. O Espírito Santo não convertia

as pessoas de modo silencioso, oculto e gradual. Geralmente convertia-as com uma demonstração gloriosa de poder sobrenatural. Hoje as pessoas muitas vezes vêem tais experiências de conversão como um sinal certo de ilusão.

Por outro lado, não devemos pensar que nossas emoções sejam verdadeiramente espirituais somente porque não as produzimos com os nossos próprios esforços. Algumas pessoas tentam provar que suas emoções são do Espírito Santo com o seguinte argumento: "Não produzi esta experiência por mim mesmo. A experiência veio a mim quando não a estava buscando. Não posso fazê-la voltar de novo por meus próprios esforços."

Esse argumento não é saudável. Uma experiência que não venha de nós mesmos pode vir de um espírito falso. Existem muitos espíritos falsos que se disfarçam como anjos de luz (II Cor. 11:14). Imitam o Espírito de Deus com grande maestria e poder. Satanás pode operar em nós, e podemos diferenciar a obra dele do funcionamento natural de nossas mentes. Por exemplo, satanás enche as mentes de algumas pessoas com blasfêmias terríveis e sugestões vis. Essas pessoas têm certeza que essas blasfêmias e sugestões satânicas não vêm de suas próprias mentes. Penso que é igualmente fácil para o poder de satanás encher-nos de confortos e alegrias falsos. Certamente sentiríamos que esses confortos e alegrias não vieram de nós mesmos. Entretanto, isso não provaria que vieram de Deus! Os transe e arrebatamentos de alguns fanáticos religiosos não são de Deus, e sim de satanás.

Também podemos ter experiências que vêm do Espírito de Deus, as quais não nos salvam nem provam que somos salvos. Lemos em Heb. 6:4-5 sobre pessoas "que uma vez foram iluminadas e provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro", mas que enfim se revelaram ser incrédulas, (vers. 6-8).

Experiências religiosas também podem ocorrer sem a influência de um espírito bom ou mau. Pessoas impressionáveis e com imaginação viva podem ter emoções estranhas e impressões que não foram produzidas por seus próprios esforços. Não produzimos sonhos por nossos esforços quando estamos dormindo. Pessoas imaginativas podem ter sentimentos e impressões religiosas que são como sonhos, embora estejam acordadas.

5. O FATO DE NOSSAS EMOÇÕES VIREM ACOMPANHADAS POR UM VERSÍCULO BÍBLICO NÃO PROVA QUE SEJAM OU NÃO ESPIRITUAIS

Verdadeiras emoções espirituais podem vir a nós acompanhadas por um versículo bíblico. Tais emoções são espirituais se surgirem de uma compreensão espiritual da verdade ensinada pelo versículo.

Por outro lado, não há prova que uma emoção seja espiritual somente por ter surgida de um versículo bíblico que venha súbita e poderosamente à mente. Algumas pessoas pensam que esse tipo de experiência é um sinal de que são salvas, especialmente se os versículos bíblicos produzirem emoções de esperança e alegria. Dizem: "O versículo veio subitamente à minha mente. Foi como se Deus estivesse falando diretamente a mim. Não estava pensando sobre o versículo quando surgiu. Nem sequer sabia, inicialmente, que tal versículo estava na Bíblia!" Talvez acrescentem: "Um após o outro os versículos vieram à minha mente. Eram todos tão positivos e encorajadores. Chorei de alegria. Não podia mais duvidar que Deus me amava."

Dessa forma, as pessoas persuadem a si mesmas de que suas emoções e experiências vêm de Deus, e que estão verdadeiramente salvas. Entretanto, sua segurança não tem fundamento. A Bíblia não nos manda testar a veracidade de nossa fé assim; a Bíblia não nos diz que somos salvos se versículos bíblicos vierem subitamente às nossas mentes. Não diz que somos salvos se versículos positivos e encorajadores entrarem em nossas mentes e nos fizerem chorar. E, no entanto, somente a Bíblia é nossa regra infalível de fé e prática religiosa.

Muitas pessoas pensam que uma experiência deve ter vindo de Deus uma vez que envolve a Sua Palavra, a Bíblia. Não necessariamente. Tudo o que podemos dizer é que uma experiência deve ser autêntica *se a Bíblia nos disser que devemos ter aquela experiência*. Uma experiência não é correta somente por envolver a Bíblia.

Como saber se satanás não está pondo esses versículos bíblicos em nossas mentes? Satanás usou a Bíblia para tentar enganar o próprio Senhor Jesus (Mat. 4:6). Se Deus permitiu que satanás tentasse a Jesus através de versículos bíblicos, por que satanás não poderia colocar versículos em nossas mentes para nos enganar? Por que ele não usaria até versículos positivos e encorajadores para nos iludir? O diabo gosta de produzir esperanças e alegrias falsas nos que não são salvos. Quer persuadi-los que são

cristãos antes que verdadeiramente se arrependam. Por que não deveria abusar de versículos bíblicos encorajadores para produzir falsa segurança? Ora, falsos mestres pervertem as Escrituras desse modo e enganam as pessoas; professores falsos são servos de satanás. Satanás pode fazer o que os servos também podem.

6. SE NOSSAS EMOÇÕES PARECEM CONTER AMOR, ISTO NÃO PROVA QUE SEJAM OU NÃO ESPIRITUAIS

O amor é a essência da verdadeira religião. Assim, se as pessoas que reivindicam ser cristãs parecem ser amorosas, muitas vezes esse fato é tomado como prova de ser genuíno o cristianismo delas. O argumento é que o amor deve vir de Deus, pois satanás não pode amar. — Infelizmente, até o amor pode ser imitado. De fato, quanto melhor for alguma coisa, mais imitações terá. Ninguém produz pedra e pedregulho de imitação. No entanto, existem imitações em excesso de diamantes e rubis. É a mesma coisa com as virtudes cristãs. A engenhosidade de satanás e a falsidade dos corações dos homens tentam imitar o amor e a humildade cristãos mais do que qualquer outra coisa, pois essas qualidades revelam a beleza do caráter cristão de forma especial.

As Escrituras ensinam que as pessoas podem parecer ter amor cristão sem serem salvas. Jesus fala daqueles que se proclamam ser cristãos, mas cujo amor não durará até o fim. "E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mat. 24:12-13). Isto mostra que se tivermos um amor que não dure até o fim, amor que se torna frio, não seremos salvos.

Podemos, então, sentir um amor por Deus e por Cristo, sem uma experiência verdadeira e duradoura da salvação. Esse era o caso de muitos judeus nos dias de Jesus, que davam glórias a Jesus seguindo-O dia e noite sem comida, bebida ou sono. Diziam a Jesus: "Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores" (Mat. 8:19), e "Hosana ao Filho de Davi!" (Mat. 21:9). Entretanto, seu amor mostrou-se falso, pois tornou-se frio e não durou.

O apóstolo Paulo pensava que em seus dias haviam pessoas com um falso amor por Cristo. Em Ef. 6:24, Paulo diz: "A graça seja com todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo." Paulo pediu bênção sobre aqueles que amavam a Cristo com amor sincero; obviamente achava

que havia outros cujo amor por Cristo não era sincero.

O amor cristão por outros cristãos também pode ser imitado. Vemos isto na relação entre Paulo e os cristãos da Galácia. Estavam prontos a arrancar os seus olhos, dando-os a Paulo (Gal. 4:15). Que amor singular! Mesmo assim, Paulo expressa seu medo de ter se esforçado em vão sobre eles (Gal.4:11). Obviamente, Paulo sentiu que, afinal, o amor deles por ele poderia não ter sido verdadeiramente cristão.

7. A EXISTÊNCIA DE EXPERIÊNCIA DE MUITOS TIPOS DE EMOÇÕES NÃO PROVA QUE SEJAM OU NÃO ESPIRITUAIS

Certamente existem imitações de todos os tipos de emoções espirituais. Acabamos de ver como as pessoas podem imitar o amor cristão, mas existem também imitações de outras emoções espirituais.

Eis alguns exemplos: o rei Saul tinha uma tristeza falsa pelo pecado (I Sam. 15:24-5; 26:21). Os samaritanos tinham um falso temor a Deus (II Reis 17:32-3). Naamã, o sírio teve uma falsa gratidão depois da cura miraculosa de sua lepra (II Reis 5:15). Na parábola de Jesus sobre o semeador, o terreno pedregoso representa pessoas com falsa alegria espiritual (Mat. 13:20). O apóstolo Paulo, antes de sua conversão, tinha um falso zelo por Deus (Gal. 1:14; Fil. 3:6). Depois de sua conversão, Paulo disse que muitos judeus incrédulos tinham esse zelo falso (Rom. 10:2). Muitos fariseus tinham uma esperança falsa da vida eterna (Luc. 18:9-14; Jo. 5:39-40).

Assim, pessoas não salvas podem ter todos os tipos de emoções falsas que se parecem com as verdadeiras emoções espirituais. Afinal, não há razão para que não tenham muitas dessas emoções ao mesmo tempo.

Por exemplo, as multidões que acompanhavam Jesus a Jerusalém parecem ter tido muitas emoções religiosas simultaneamente. Estavam cheias de *admiração* e *amor* por Jesus; mostraram grande reverência por Ele, e colocaram suas roupas no chão para que Ele andasse sobre elas. Expressaram grande *gratidão* pelas boas obras que Ele houvera feito. Manifestaram fortes *desejos* pelo reino vindouro de Deus, e tinham grande *esperança* que Jesus estivesse por estabelecê-lo. Estavam cheias de *alegria* e *zelo* em seus louvores a Jesus e em sua ansiedade em acompanhá-lo. Todavia, quão poucas dessas pessoas eram verdadeiros discípulos de Jesus!

A existência de muitas emoções falsas simultaneamente, na mesma pessoa, não é mistério. Quando uma emoção forte surge, naturalmente produz outras emoções. Este é especialmente o caso se a primeira emoção que aparece é amor. Como já disse, o amor é a principal das emoções, e (de certo modo) ele é a fonte de muitas outras.

Imagine alguém que por longo período sentiu medo do inferno. Satanás veio e levou-o a pensar que Deus perdoou seus pecados. Suponhamos, então, que satanás o tenha enganado através da visão de um homem com um lindo sorriso no rosto e com os braços abertos. O pecador entendeu ser essa uma visão de Cristo. Ou talvez satanás o tenha iludido com uma voz dizendo: "Filho, seus pecados são perdoados" - uma voz que o pecador pensou ser a voz de Deus. Assim, esse pecador creu que era salvo, mesmo não tendo compreensão espiritual do evangelho.

Que variedade de emoções viriam à mente desse pecador! Ele estaria cheio de amor por seu salvador imaginário, que pensa tê-lo salvo do inferno. Estaria cheio de gratidão por sua salvação imaginária. Sentiria uma irresistível alegria. Suas emoções o moveriam a falar a outros de sua experiência. Seria fácil para ele ser humilde ante seu deus imaginário. Negaria a si mesmo e promoveria zelosamente sua religião imaginária, enquanto o calor de suas emoções durassem.

Todas essas emoções religiosas podem surgir juntas dessa forma. Ainda assim, a pessoa que figuramos experimentando essas emoções não é cristã! Suas emoções vieram da função natural de sua própria mente, não da obra salvadora do Espírito de Deus. Qualquer um que duvide dessa possibilidade tem pouca compreensão da natureza humana.

8. SE CONFORTO E ALEGRIA PARECEM SEGUIR UMA DETERMINADA ORDEM, ISSO NÃO PROVA QUE NOSSAS EMOÇÕES SEJAM ESPIRITUAIS OU NÃO

Muitas pessoas rejeitam a idéia de que emoções e experiências espirituais venham em determinada ordem. Não pensam que convicção do pecado, temor do julgamento de Deus e a sensação do abandono espiritual devam vir antes da experiência de conversão. Isto, dizem, é somente uma teoria humana; assim, são céticas quando a experiência religiosa de uma pessoa ocorre nessa ordem. Elas suspeitam que suas emoções resultam da

natureza de sua própria mente e não do Espírito Santo. Ficam particularmente desconfiadas quando seus sentimentos - primeiro de convicção e depois de segurança - são muito fortes e vivos. Entretanto, é razoável pensar que Deus dê aos pecadores um sentimento de sua necessidade de salvação antes de salvá-los. Somos seres inteligentes e Deus nos trata de modo inteligente. Se os pecadores estão condenados fora de Cristo, não seria razoável que Deus os fizesse cientes disso? Afinal de contas, Deus dá ciência aos cristãos de sua salvação uma vez que os tenha salvo.

As Escrituras ensinam que Deus faz as pessoas conscientes da sua incapacidade antes de libertá-las. Por exemplo, antes de tirar os israelitas do Egito, Deus fê-los sentir sua miséria e clamar por Ele (Ex. 2:23). E antes de salvá-los do Mar Vermelho, fê-los ver quão desamparados eram; o Mar Vermelho estava à sua frente e o exército egípcio atrás deles! Deus mostrou-lhes que não poderiam fazer qualquer coisa para ajudar a si mesmos e que somente Ele poderia salvá-los. (Ex. 14). Quando Jesus e Seus discípulos estavam debaixo do temporal no Mar da Galiléia, as ondas cobriram o barco, e parecia que iam afundar. Os discípulos clamaram: "Senhor, salva-nos!" Somente então Jesus acalmou o vento e as ondas. (Mar. 8:24-6). Antes que Deus os salvasse do perigo, o apóstolo Paulo e Timóteo estavam atribulados "acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e, sim no Deus que ressuscita os mortos". (II Cor. 1:8-9).

As Escrituras descrevem os cristãos como aqueles que já correram "para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta" (Heb. 6:18). Fugir sugere medo e uma sensação de perigo. De fato, a própria palavra "evangelho" - boas novas - naturalmente sugere a idéia de resgate e salvação do medo e da aflição. As multidões em Jerusalém sentiram esse tormento quando Pedro pregou a elas no dia de Pentecoste - "compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: que faremos, irmãos?" (At. 2:37). O carcereiro filipense também sentiu essa angústia espiritual - "Prostrou-se diante de Paulo e Silas. Depois, trazendo-os para fora disse: senhores, que devo fazer para que seja salvo?" (At. 16:29-30). Vemos, assim, como é razoável e bíblico pensar que grandes e humilhantes convicções do pecado, desamparo e medo do julgamento divino, deveriam vir antes da experiência de conversão.

Por outro lado, o fato de a certeza da salvação vir após o medo do

inferno não prova sua legitimidade. Medo do inferno e a consciência de uma convicção do pecado são duas coisas diferentes. Ser consciente da gravidade do pecado é uma percepção da desobediência pessoal e maldade no coração e na vida do próprio indivíduo. É um conhecimento de quão infinitamente sério é o nosso próprio pecado, pois ofende a um Deus infinitamente santo. Essa convicção pode *produzir* o medo do inferno, porém, não é *a mesma coisa* que o medo do inferno.

Na verdade, o medo do inferno pode existir sem uma verdadeira convicção do pecado na consciência. Algumas pessoas parecem ver o inferno se abrindo para tragá-las, cheio de labaredas e demônios. Ainda assim suas consciências não são persuadidas! Essas impressões vivas do inferno podem advir de satanás, que pode aterrorizar os homens com visões de maldição por querer convencê-los que jamais poderão ser salvos. Tais visões podem também advir da própria imaginação humana.

Existe também um tipo de falsa convicção do pecado, quando as pessoas parecem sobrecarregadas com o sentimento de quão grandes pecadores são, mas não têm compreensão da verdadeira natureza do pecado. Não vêem o pecado de um modo espiritual, como algo que ofende a santidade de Deus. Suas consciências não estão tocadas, ou são só ligeiramente tocadas. Talvez não tenham convicção alguma sobre os pecados específicos dos quais são culpados, ou se estiverem perturbados com pecados específicos, não estão preocupados de forma espiritual.

Mesmo que o próprio Espírito Santo produza convicção do pecado e medo do inferno, isto não assegura necessariamente a salvação. Pessoas não salvas podem resistir ao Espírito. Deus nem sempre pretende conquistar a resistência pecaminosa e trazer o pecador a um novo nascimento.

Existe também o que chamamos falsa humildade perante Deus. Por exemplo, o rei Saul sentiu-se profundamente perturbado quanto a seus pecados contra Davi. Chorou perante Davi, e confessou: "Mais justo és do que eu; pois tu me recompensaste com bem, e eu te paguei com mal" (I Sam. 24:17). Entretanto, isso foi depois que o Espírito de Deus havia se retirado de Saul.

O orgulhoso rei Saul humilhou-se perante Davi, embora de fato o odiasse! De modo semelhante, pecadores podem se humilhar perante Deus, embora verdadeiramente O odeiem. Podem deixar de confiar em sua própria justiça, de certas formas, mas continuar a confiar nela de outros

modos mais sutis. A aparente submissão a Deus esconde uma tentativa secreta de barganhar com Ele.

Que tal se experimentarmos o medo do inferno e *ao mesmo tempo* uma convicção do pecado que nos humilha perante Deus? Que tal se isso nos induza a uma alegria no evangelho? Isso não provaria que nossas experiências sejam verdadeiramente espirituais?

Não! A ordem de nossas experiências não prova coisa nenhuma. Se satanás pode imitar as experiências que levam à conversão, pode também imitar sua ordem ou seqüência. Sabemos que ele pode produzir uma falsa convicção do pecado, um falso medo do inferno, e uma falsa humilhação perante Deus. Por que não poderia produzi-las nessa ordem? E por que então não produziria uma falsa alegria no evangelho, como vimos que ele pode fazer?

Somente as Escrituras são o nosso guia infalível para o crente e a prática religiosa. Não nos dizem que estamos salvos se tivermos experiências em determinada ordem. A Palavra de Deus promete salvação somente àqueles que recebem a graça de Deus e produzem seus frutos. Nunca promete salvação àqueles que sentem grande convicção do pecado e medo do inferno, seguidos por grande alegria e segurança. O que as Escrituras dizem deveria ser o suficiente para os cristãos; nossa confiança é na Palavra de Deus, não em nossas próprias idéias.

Antes de terminar este capítulo, creio que deveria salientar que as pessoas *podem* se tornar cristãs sem passar por qualquer ordem *específica* de experiências. É verdade que precisam sentir convicção do pecado, sentir desamparados e sentir a justiça de Deus na condenação dos pecadores. Ainda assim, não há necessidade que o Espírito de Deus produza essas experiências *diferentes e separadas*, uma após a outra. De fato, a conversão de um pecador é às vezes como um caos confuso, e outros cristãos não sabem como interpretá-la!

O Espírito Santo muitas vezes opera de modo muito misterioso para trazer as pessoas a Cristo. Como disse Jesus: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (Jo. 3:8).

De fato, idéias sobre como o Espírito Santo deveria operar afetam o modo de interpretarmos a nossa experiência. Relatamos as partes de nossa conversão que mais parecem com as experiências que pensamos deveriam ocorrer na conversão. Omitimos outras partes de nossa conversão que não se

enquadram no que pensamos ser o padrão correto. Desse modo, tentamos forçar nossa conversão conforme o chamado "padrão correto" de experiência. O que estamos fazendo de fato é recusar a admitir que o Espírito Santo às vezes opera de modo diverso daquele em que *nós* desejamos que Ele opere!

9. SE NOSSAS EMOÇÕES NOS LEVAM A DESPENDER MUITO TEMPO NOS DEVERES EXTERNOS DO CULTO CRISTÃO, AÍ NÃO HÁ PROVA QUE SEJAM OU NÃO ESPIRITUAIS

Algumas pessoas pensam que uma experiência religiosa não é salutar quando nos leva a despender muito tempo na leitura, na oração, nos cantos e ouvindo sermões. Em contraste, as Escrituras ensinam claramente que uma verdadeira experiência de salvação terá esse efeito.

Por exemplo, a profetiza Ana "não saiu do templo, mas serviu a Deus com jejum e orações dia e noite" (Luc. 2:37). Daniel observou um período de oração particular três vezes todo dia (Dan. 6:10). A experiência da salvação também leva os crentes a se deleitarem em cantar louvores a Deus: "Louvai ao Senhor, porque é bom e agradável cantar louvores ao nosso Deus; fica-lhe bem o cântico de louvor" (Sal. 147:1). A salvação leva os crentes a gostar muito de ouvir alguém pregar a Palavra de Deus: "Quão suaves são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: o teu Deus reina!" (Is. 52:7). E a salvação faz com que os crentes almejem adorar com outros crentes: 'Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos! A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; ... Bem--aventurados, Senhor, os que habitam a tua casa: louvam-te perpetuamente" (Sal. 84:1-2, 4).

Por outro lado, não é sinal seguro de conversão o fato de sermos entusiásticos nos deveres exteriores da religião verdadeira. Tal comportamento existe em muitos que não são salvos. Os judeus, no tempo de Isaías, eram entusiásticos na adoração. Tinham muitos sacrifícios, assembléias, festivais e orações. Todavia, os seus corações não estavam de bem com Deus, e Deus lhes diz que abomina a sua adoração! (Vejam Is. 1:12-15). No tempo de Ezequiel, muitos se deleitavam em ouvi-lo pregar a Palavra de Deus. Entretanto, Deus os condena: "Eles vêm a ti, como o povo

costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro. Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra" (Ez. 33:31-32).

10. O FATO DE NOSSAS EMOÇÕES NOS LEVAREM A LOUVAR A DEUS COM NOSSAS BOCAS NÃO PROVA QUE SEJAM OU NÃO ESPIRITUAIS

Muitos parecem pensar que se as pessoas forem entusiásticas no louvor a Deus, é um sinal certo de conversão. Examinei abreviadamente esse aspecto no capítulo anterior. Quero fazê-lo mais detalhadamente aqui, devido à grande ênfase colocada por alguns no louvor como sinal de vida espiritual.

Nenhum cristão condenará outra pessoa pelo entusiasmo no louvor a Deus. Não obstante, devemos reconhecer que tal entusiasmo não é sinal certo de conversão. Como já vimos, satanás pode imitar todos os tipos de emoções espirituais. E as Escrituras nos dão muitos exemplos de pessoas não salvas dando louvor a Deus e a Cristo entusiasticamente.

Quando Jesus realizou milagres em várias ocasiões, as Escrituras dizem das multidões: "a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus" (Mar. 2:12), "Então glorificavam ao Deus de Israel" (Mat. 15:31), "Todos ficaram possuídos de temor, e glorificavam a Deus" (Luc. 7:16). Também eram entusiásticos louvando o próprio Jesus: "E ensinava nas sinagogas, sendo glorificado por todos" (Luc. 4:15). "Hosana ao Filho de Davi; bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas!" (Mat. 21:9). Infelizmente, sabemos quão poucos daqueles tiveram uma fé verdadeira em Deus e em Cristo.

Depois de Jesus ter subido aos céus, lemos em Atos que aqueles que viviam em Jerusalém "todos glorificavam a Deus pelo que acontecera" (At.4:21). Isso foi porque Pedro e João haviam curado um mendigo coxo. Mas quão poucos daqueles que viviam em Israel partilhavam a fé de Pedro e João! Quando Paulo e Barnabé pregaram aos gentios em Antioquia, esses gentios "regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor" (At. 13:48). Entretanto, somente alguns foram salvos; pois, "creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna."

Israel cantou louvores a Deus no Mar Vermelho, contudo em breve

estava adorando o bezerro de ouro. Os judeus no tempo de Ezequiel mostraram muito amor por Deus com suas bocas, mas seus corações estavam presos ao dinheiro e às posses (Ez. 33:31-32). Isaías diz que aqueles que odiavam os verdadeiros servos de Deus clamavam: "Mostre o Senhor a sua glória" (Is. 66:5). Desses exemplos e muitos outros nas Escrituras, segue-se que o entusiasmo no louvor a Deus e a Cristo não é sinal confiável de conversão.

11. O FATO DE NOSSAS EMOÇÕES PRODUZIREM SEGURANÇA DE SALVAÇÃO NÃO PROVA QUE SEJAM OU NÃO ESPIRITUAIS

Algumas pessoas pensam que estaríamos iludidos se tivéssemos segurança de nossa salvação. Por outro lado, os protestantes sempre acreditaram que a segurança é um sentimento apropriado num cristão. As Escrituras contêm muitos exemplos do povo de Deus se sentindo seguro quanto à sua relação com Deus. Por exemplo, Davi muitas vezes fala nos Salmos sobre Deus como seu próprio Deus e Salvador, sua rocha, escudo e torre, e assim por diante. O apóstolo Paulo em suas cartas constantemente fala de sua relação com Cristo, e exulta em sua salvação. "Porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia" (II Tim. 1:12).

Fica claro nas Escrituras que todos os cristãos - não somente os apóstolos e profetas - podem e devem ter essa segurança. Pedro nos exorta a estarmos certos do chamado e escolha de Deus (II Ped. 1:10), e nos diz como obter essa certeza (II Ped. 1:5-8). Paulo fala da falta de segurança como algo altamente em desacordo com um cristão: "Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados" (II Cor. 13:5). João nos dá muitos testes pelos quais podemos ter certeza de sermos salvos: "Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos" (I Jo. 2:3). "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (I Jo. 3:14). "Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele em nós, em que nos deu o seu Espírito" (I Jo. 4:13).

Não é razoável, portanto, criticar um cristão somente porque sente uma profunda segurança de sua própria salvação.

Por outro lado, somente o sentimento de certeza da salvação não é

prova que uma pessoa seja salva. Alguém pode ter a maior e mais viva segurança de salvação e ainda assim não ser salvo. Pode-se parecer estar muito próximo a Deus, usar linguagem muito confiante e afável em suas orações, chamando a Deus de "meu Pai", meu querido Redentor", "meu doce Salvador", "meu Amado", etc. Pode--se dizer: "Sei com completa certeza que Deus é meu Pai. Sei que irei para o céu, com tanta certeza como se já estivesse lá agora." Pode-se estar tão seguro de si mesmo, que não se vê mais qualquer razão para testar a verdade de sua fé. Pode-se desprezar qualquer um que sugira que ele poderia não estar salvo de fato. Entretanto, nada disso prova que seja um verdadeiro cristão.

De fato, esse tipo de segurança jactanciosa que sempre está se demonstrando, não se parece em nada com a verdadeira segurança cristã. Parece mais com o fariseu em Luc. 18:9-14, que tinha tanta certeza de estar de bem com Deus que ele agradeceu audaciosamente a Deus por tê-lo feito tão diferente dos outros homens! A verdadeira segurança cristã é humilde e não arrogante.

Os corações das pessoas não salvas são entenebrecidos, enganosos e egocêntricos em si mesmos. Não surpreende que tenham opiniões tão elevadas sobre si mesmos. E se satanás opera em seus desejos pecaminosos com confortos e alegrias falsas, não é de surpreender que pessoas não convertidas tenham uma forte segurança, porém falsa, da salvação.

Quando uma pessoa não salva tem essa segurança falsa, ela está livre das coisas que causam dúvidas ao verdadeiro cristão sobre sua própria salvação:

(i) O falso cristão não tem sentimento sobre a seriedade de seu destino eterno e quanto à infinita importância de construir no fundamento certo. Em contraste, o verdadeiro crente é humilde e cuidadoso; sente quão grandioso será estar perante Deus, o infinitamente santo Juiz. A falsa segurança ignora isso.

(ii) Um falso cristão não está consciente de quão cego e enganoso é o seu coração. Sua falsa segurança produz nele uma grande confiança em suas próprias opiniões. O verdadeiro crente, entretanto, tem uma modesta opinião sobre sua própria sabedoria.

(iii) Satanás não ataca a falsa segurança. Ele ataca a segurança do verdadeiro cristão, pois a verdadeira segurança produz maior santidade. Por outro lado, satanás é o melhor amigo da falsa segurança, pois isso coloca o falso cristão totalmente em seu poder.

(iv) A falsa convicção cega a pessoa quanto à verdadeira extensão da sua pecaminosidade. O falso cristão parece limpo e claro a seus próprios olhos. O verdadeiro cristão, ao contrário, conhece o seu próprio coração; sente que é um grande pecador. Fica pensando muitas vezes se uma pessoa verdadeiramente salva poderia ser tão grande pecador quanto ele é.

Existem dois tipos de falso cristão. Há aqueles que se julgam ser cristãos meramente por sua prática exterior de moralidade e religião. Essas pessoas muitas vezes não compreendem a doutrina da justificação unicamente pela fé. Existem também aqueles cuja segurança procede de experiências religiosas falsas.

Os falsos cristãos do último tipo são os piores. Sua segurança advém muitas vezes de supostas revelações. Chamam a essas revelações de "o testemunho do Espírito". Têm experiências de visões e impressões; podem pretender que o Espírito de Deus lhes tenha revelado fatos futuros. Não é de admirar que pessoas que aceitam tais experiências também tenham visões e impressões sobre a sua própria salvação. E não é de admirar também se uma suposta revelação concernente à salvação delas produzir o mais alto grau de segurança.

De fato, grande confiança é uma marca que distingue as pessoas que procuram orientação em revelações imaginárias. Dizem audaciosamente, "Sei isto ou aquilo", "Sei com certeza". Desprezam todo argumento e pesquisa racional que possa fazê-las duvidar de sua experiência.

É fácil entender a confiança dessas pessoas. Agrada a seu amor próprio pensar que Deus lhes disse de modo especial que são Seus filhos queridos. Sua falsa segurança aumenta quando essas "revelações" vêm junto com emoções vigorosas, as quais elas interpretam falsamente como o Espírito Santo operando nelas.

Gostaria agora de dar uma palavra de alerta aos pregadores: vocês às vezes pregam doutrinas verdadeiras de modo errado, encorajando uma falsa segurança. Dizem às pessoas que "vivam pela fé, não pelo que vêem", que "confiem em Deus no escuro," e que "confiem em Cristo, não em seus próprios sentimentos." Essas são doutrinas verdadeiras, se *compreendidas corretamente*.

Viver pela fé, não pelo que vemos, significa permitir que as realidades celestiais invisíveis controlem nossos pensamentos e atitudes. Não podemos ver a Deus ou Cristo com os nossos olhos físicos. Não podemos *ver* os novos céus e a nova terra, pois ainda não foram

estabelecidos. Entretanto, nós *cremos* nessas realidades não visíveis. Acreditar nelas e permitir que essa fé oriente nossos corações e vidas - isso é viver pela fé, e não pelo que se vê.

Por outro lado, muitos crêem que "viver pela fé, não pela vista" significa que deveríamos confiar em Cristo, mesmo quando os nossos corações permaneçam espiritualmente entenebrecidos e mortos. Isso é contra as Escrituras e absurdo. É impossível ter fé em Cristo e ainda assim permanecer no escuro e na morte espiritual. A verdadeira fé significa sair da escuridão e da morte espiritual para a luz e vida em Cristo. Exortar a alguém a confiar em Cristo, embora seu coração permaneça na escuridão e morto, é dizer que tenha fé em Cristo ainda que continue na incredulidade!

As Escrituras ensinam que a fé em Cristo envolve uma apreensão espiritual dEle. Jesus disse "que todo homem que vir o Filho e nele crer, tenha a vida eterna" (Jo. 6:40). Fé verdadeira existe somente quando estamos "contemplando, como por espelho, a glória do Senhor", e vendo a "iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (II Cor. 3:18 e 4:6). Uma fé sem essa luz espiritual não é a fé dos filhos da luz, e sim o engano dos filhos das trevas.

"Confiar em Deus no escuro" significa confiar em Sua Palavra quando nossas circunstâncias são escuras e dolorosas, como se Deus não mais se importasse conosco. Significa também continuar a confiar nEle quando não temos tal visão clara e refrescante do Seu amor como em outros tempos. Isso é totalmente diferente de confiar em Deus sem qualquer luz ou experiência espiritual, com corações mortos e mundanos!

Aqueles que insistem em viver pela fé sem experiência espiritual têm idéias absurdas sobre fé. Para eles "fé" significa realmente acreditar que são salvos. Por isso pensam que é pecado duvidar de sua salvação, não importa quão mortos e mundanos sejam. Todavia, em que Bíblia encontraram fé significando acreditar que somos salvos? A Bíblia diz que a fé *traz* o pecador para a salvação. A fé, portanto, não pode significar acreditar que já estamos salvos. Se fé significasse acreditar que somos salvos, significaria que temos uma fé salvadora. Isto é, fé significaria crer que cremos!

Admito que a incredulidade pode ser a causa de uma falta de segurança. Alguns cristãos têm pouca fé; e pouca fé produz pouca evidência de salvação. A resposta para esse problema é crescer na fé e produzir mais frutos da fé. Outros cristãos têm falta de segurança em suas vidas, a despeito da muitas provas de sua conversão. Suas dúvidas resultam

de um sentimento unilateral de sua indignidade e um fraco sentido da realidade e poder da misericórdia de Deus. Outros cristãos sentem falta de segurança por suas circunstâncias negras e dolorosas. Como pode Deus amá-los, se Ele permite que sofram tanto? Essa dúvida vem de uma falta de dependência na soberania e na sabedoria de Deus.

Não obstante, se alguém sente que seu coração está completamente mundano e morto, não podemos culpá-lo por duvidar quanto à sua salvação. É impossível que exista verdadeira segurança cristã em tal coração. Seria tão impossível como tentar manter o brilho solar depois do pôr do sol. Memórias das experiências religiosas que tivemos no passado não podem manter a certeza viva, se nossos corações agora estão enegrecidos com pecado.

De fato, é *desejável* que duvidemos de nossa salvação se nossos corações se sentem totalmente entenebrecidos e mundanos. Isso está de acordo com o plano de Deus. Quando o amor por Deus diminui, a ansiedade por nós mesmos aumenta. Em tempos de negrura espiritual, precisamos dessa ansiedade para evitarmos o pecado, e para nos estimular a um novo esforço espiritual.

Contrariamos o plano de Deus, portanto, se dissermos às pessoas que mantenham sua segurança quando seus corações estão mundanos e mortos. Estamos cometendo um erro sério se pensarmos que é este o significado de "viver pela fé, não por vista", de "confiar em Deus no escuro", ou de "confiar em Cristo, não em nossos sentimentos". Encorajar segurança naqueles cujos corações são mundanos e mortos é encorajar falsa segurança.

Por outro lado, se usarmos as nossas emoções espirituais e experiência cristã como evidências de nossa salvação, isso não é "confiar em nossos sentimentos em vez de Cristo". Não há outras evidências de salvação que possamos usar! Estaremos "confiando somente em nossos sentimentos e não em Cristo", se glorificarmos e admirarmos a nós mesmos por nossas emoções. Quando nossas experiências e emoções se tornam mais importantes para nós do que para Deus, e quando pensamos que o próprio Deus deveria nos admirar por nossas maravilhosas emoções - então estamos em perigo. De fato, estamos então em pior condição espiritual que um ateu imoral!

12. NÃO PODEMOS SABER SE AS EMOÇÕES DE ALGUÉM SÃO ESPIRITUAIS OU NÃO, SOMENTE POR SEU RELATO COMOVENTE

Nenhum cristão pode distinguir infalivelmente entre crentes verdadeiros e falsos. Um cristão pode sondar o seu próprio coração, mas não pode sondar os corações dos outros. Tudo o que podemos ver nos outros é a aparência exterior. As Escrituras ensinam claramente que nunca podemos julgar infalivelmente o coração de uma pessoa através de sua aparência. "O Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (I Sam. 16:7).

Quando uma pessoa parece exteriormente, tanto como possamos ver, ser um cristão, é nosso dever aceitá-lo como um irmão em Cristo. Entretanto, mesmo o mais sábio dos cristãos pode ser iludido. Pessoas que pareciam ser notáveis convertidos muitas vezes têm abandonado a fé.

Isso não nos deveria surpreender. Já vimos como satanás pode imitar todos os tipos de emoções espirituais - amor por Deus e por Cristo e pelos cristãos, tristeza pelo pecado, submissão a Deus, humildade, gratidão, alegria, zelo. Todas essas emoções imitadas podem aparecer ao mesmo tempo na mesma pessoa. Essa pessoa pode também ter um bom conhecimento da doutrina cristã, uma personalidade agradável e uma notável habilidade poderosa para se expressar na linguagem cristã.

Quão grande, então pode ser a semelhança entre um falso e um verdadeiro cristão! Somente Deus pode infalivelmente diferenciá-las. Seríamos arrogantes se fingíssemos poder fazê-lo. Dar um relato comovente de seus sentimentos e experiências não prova que alguém seja um verdadeiro cristão. Qualquer coisa que pareça obra de Deus está fadada a ser comovente para um crente. Crentes amam ver pecadores convertidos. Não surpreende, portanto, que nossos corações sejam tocados quando alguém professa ser convertido e dá um relato plausível de sua experiência. Ainda assim, isso não prova que sua conversão seja genuína.

As Escrituras nos dizem para julgarmos pela vida da pessoa, não por sua fala, porque as declarações de serem cristãos, que as pessoas fazem, são como os botões na primavera. São muitos os botões nas árvores e todos parecem maravilhosos, porém logo muitos perecerão, cairão e apodrecerão. Por um tempo, parecem tão lindos como os outros botões e seu perfume é doce. Não podemos distinguir os botões que darão fruto daqueles que cairão e morrerão. Somente depois podemos notar a diferença, quando alguns tiverem

caído e outros dado fruto.

O mesmo se dá com as coisas espirituais. Devemos julgar pelo fruto, não pelas lindas cores e aroma do botão. Pessoas que se dizem convertidas podem (por assim dizer) parecer lindas, transmitir aromas agradáveis e fazer emocionantes relatos de sua experiência. Entretanto, tudo pode resultar em nada. *Conversa não prova coisa alguma*. Devemos julgar pelo fruto - pelos resultados duradouros nas vidas das pessoas. (Mesmo aqui, não podemos julgar infalivelmente, mas o modo como vivem os cristãos professos é a *melhor* prova que podemos ter de sua sinceridade e salvação).

Alguns argumentam o seguinte: "Se sinto um forte amor cristão por outro cristão, o Espírito Santo deve ter produzido esse amor. No entanto o Espírito não pode errar. Se o Espírito produz esse amor, eu devo saber que a outra pessoa é um verdadeiro cristão."

Esse argumento é completamente falso. Deus nos ordenou a amar como nossos irmãos cristãos *todos que fazem uma confiável profissão de fé em Cristo*. Assim, um forte amor cristão por outro cristão professo prova somente que o Espírito de Deus está nos permitindo obedecer ao mandamento de Deus. Não prova que o cristão professo a quem amamos seja um verdadeiro cristão.

De qualquer forma, a Bíblia não conhece nada dessa idéia que podemos julgar a condição espiritual de outra pessoa pelo amor que sentimos por ela. Essa idéia não só está ausente da Bíblia, ela contradiz a própria Bíblia. A Palavra de Deus ensina claramente que ninguém pode estar totalmente seguro sobre a condição do coração de outro em relação a Deus. Paulo diz, "judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus" (Rom. 2:29). Por essa última expressão, "cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus", Paulo ensina que os homens não podem julgar se outro homem é um judeu "interiormente". Os homens podem ver pelos sinais exteriores que um outro é exteriormente um judeu, porém somente Deus pode ver o interior de um homem.

Paulo ensina a mesma verdade em I Cor. 4:5: "nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus."

Certamente estaremos sendo muito arrogantes se pensarmos que podemos julgar os corações dos homens, visto que o apóstolo Paulo não

pensava que *ele* podia!

PARTE III

OS SINAIS QUE DISTINGUEM VERDADEIRAS EMOÇÕES ESPIRITUAIS

1. COMENTÁRIOS INICIAIS

Indicarei agora algumas coisas que distinguem emoções espirituais verdadeiras de outros tipos de emoção. Primeiro, entretanto, quero dar a seguinte orientação:

(i) Não vou ajudar ninguém a diferenciar infalivelmente entre emoções espirituais verdadeiras e falsas nos *outros*. Já condenei essas tentativas como arrogantes. Quanto a julgar outros, Cristo só nos deu regras o suficiente para nossa segurança, para evitar que sejamos desviados. Ele também nos deu muitas regras nas Escrituras que líderes da Igreja acharão úteis no aconselhamento de membros da Igreja sobre seu estado espiritual. Entretanto, Deus não nos capacitou a fazer uma separação infalível entre os cordeiros e os bodes em meio aos cristãos professos. Ele reteve esse poder somente para Si.

(ii) Não vou ajudar os cristãos que se tornaram frios a obter certeza de sua salvação. Já argumentei que não é parte do plano de Deus que tais cristãos tenham segurança. Deus não deseja que se tornem seguros de sua salvação, exceto ao saírem de sua condição espiritual fria. Ganhamos segurança, não tanto pelo *auto-exame*, como pela *ação*. O apóstolo Pedro nos diz que nos asseguremos de nosso chamado e eleição, primeiramente não pelo auto-exame, mas adicionando à fé excelência moral, conhecimento, auto-controle, perseverança, piedade, bondade fraterna e amor. (II Ped. 1:5-7). Os cristãos espiritualmente frios, então, deveriam seguir as instruções de Pedro e não esperar ajuda para conhecer sua salvação enquanto continuam na condição de frieza.

(iii) Ninguém deve esperar encontrar regras que condenem hipócritas enganados por revelações e emoções falsas, que se fixaram numa falsa segurança. Tais hipócritas estão tão seguros de sua própria sabedoria e tão cegos pela auto-confiança sutil, disfarçada em humildade, que parecem

muitas vezes além do arrependimento. Entretanto, essas regras serão úteis para condenar outros tipos de hipócritas, bem como cristãos verdadeiros que confundiram falsas emoções com as verdadeiras.

2. EMOÇÕES ESPIRITUAIS SURGEM DE INFLUÊNCIAS ESPIRITUAIS, SOBRENATURAIS E DIVINAS NO CORAÇÃO

O Novo Testamento chama os cristãos de pessoas *espirituais*, contrapondo-os às pessoas meramente *naturais*. "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém" (I Cor. 2:14-15). Faz também contraposição entre pessoas espirituais e *carneais*: "Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais; e, sim, como a carneais, como a crianças em Cristo", isto é, aqueles que eram em grande parte não santificados. (I Cor. 3:1). Os vocábulos "natural" e "carnal" nesses versículos significam não santificados, sem o Espírito; "espiritual", então, significa santificado pelo Espírito Santo.

Assim como as Escrituras chamam os cristãos de espirituais, encontramos-las também descrevendo certas qualidades e princípios do mesmo modo. Lemos sobre um "pendor espiritual" (Rom. 8:6-7), "compreensão espiritual" (Col 1:9), e "bênçãos espirituais" (Ef. 1:3).

O termo "espiritual" em todos esses versículos não se refere ao espírito do homem. Uma qualidade não é espiritual somente por existir no espírito do homem, e não no seu corpo. As Escrituras chamam a algumas qualidades "carneais" ou da carne, mesmo que existam no espírito do homem. Por exemplo, Paulo descreve o orgulho, auto-confiança e confiança na própria sabedoria como carneais (Col. 2:18), embora essas qualidades existam no espírito do homem.

O Novo Testamento usa o termo "espiritual" para se referir ao Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade. *Cristãos* são espirituais por terem nascido do Espírito de Deus e porque o Espírito vive neles. *Coisas* são espirituais por sua relação com o Espírito Santo - "Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais como espirituais. Ora o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus." (I Cor. 2:13-14).

Deus dá Seu Espírito aos verdadeiros cristãos para viver neles e influenciar seus corações como uma fonte de vida e ação. Paulo diz que os cristãos vivem porque Cristo vive neles (Gal. 2:20). Cristo, por Seu Espírito, não só *está* neles, mas *vive* neles; vivem por Sua vida. Os cristãos não só bebem da água da vida, porém essa água da vida se torna uma fonte em suas almas, jorram em vida espiritual eterna. (Jo. 4:14). A seiva da verdadeira vinha não flui dentro deles como num cálice, mas em galhos vivos, onde a seiva se torna uma fonte de vida (Jo. 15:5). Assim, as Escrituras chamam os cristãos de "espirituais" porque Deus une Seu Espírito a eles desse modo.

O Espírito de Deus pode influenciar os homens naturais, e efetivamente o faz; veja Num. 24:2; I Sam. 10:10; Heb. 6:4-6. Nesses casos, entretanto, Deus não dá do Seu Espírito como uma fonte de vida espiritual. Não há união entre o Espírito de Deus e o homem natural. Posso ilustrar isso da seguinte forma: a luz pode brilhar num objeto muito escuro e negro, todavia se não fizer com que o próprio objeto dê luz, ninguém vai chamá-lo de objeto brilhante. Assim, quando o Espírito de Deus opera somente *sobre* a alma, sem se transformar em vida *nela*, aquela alma não tem se tornado espiritual.

A principal razão para que as Escrituras chamem os cristãos e suas virtudes de "espirituais" é a seguinte: o Espírito Santo produz nos cristãos resultados que se harmonizam com a verdadeira natureza do próprio Espírito.

Santidade é a natureza do Espírito de Deus, portanto, as Escrituras chamam-nO de Espírito *Santo*. Santidade é a beleza e doçura da natureza divina e a essência do Espírito Santo, assim como o calor é a natureza do fogo. Este Espírito Santo vive nos corações dos cristãos como uma fonte de vida, agindo neles e dando de Si mesmo a eles em Sua doce e divina natureza de santidade. Ele leva a alma a partilhar da beleza espiritual de Deus e da alegria de Cristo, de modo que os crentes associem-se *com* o Pai e *com* o Filho, pela participação *no* Espírito Santo. Assim, a vida espiritual nos corações dos crentes é igual em natureza à própria santidade de Deus, embora em grau infinitamente menor. E como o sol brilhando num diamante. O brilho do diamante é igual em natureza ao brilho do sol, mas em grau menor. E isso que Cristo quer dizer, em Jo. 3:6: "o que é nascido do Espírito, é espírito." A nova natureza criada pelo Espírito Santo é da mesma natureza do Espírito que a criou; assim, as Escrituras chamam-na de natureza espiritual.

O Espírito opera dessa forma somente nos verdadeiros cristãos. Judas descreve os homens de mente mundana como os "que não têm o Espírito" (Jud. 19). Paulo diz que somente os verdadeiros cristãos têm o Espírito Santo neles; e "se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle" (Rom. 8:9). Ter o Espírito Santo é sinal certo de estar em Cristo, de acordo com João: "Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito" (I Jo. 4:13). Em contraste, um homem natural não tem experiência de coisas espirituais; falar delas é tolice para ele, pois não sabe o que significa. "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente" (I Cor. 2:14). Jesus mesmo ensinou que o mundo incrédulo não conhece o Espírito Santo: "o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece" (Jo. 14:17).

E claro, portanto, que os efeitos produzidos pelo Espírito Santo nos verdadeiros cristãos são diferentes de qualquer coisa que o homem possa produzir pelo poderes humanos naturais. É isso que eu quise dizer ao afirmar que as emoções espirituais verdadeiras surgem de influências *sobrenaturais*.

Disso se segue que os cristãos têm uma nova percepção ou concepção interna em suas mentes, totalmente diferente em natureza de qualquer outra coisa que tenham experimentado antes de serem convertidos. É, por assim dizer, um novo sentido espiritual para coisas espirituais. Esse sentido é diferente de qualquer sentido natural, assim como o sentido do paladar é diferente dos sentidos de visão, audição, olfato, e tato. Por esse novo sentido espiritual, o cristão compreende as coisas de modo diferente da percepção possível ao homem natural; é como a diferença entre simplesmente olhar para o mel e de fato experimentar sua doçura. É por isso que as Escrituras muitas vezes comparam a obra da regeneração pelo Espírito à aquisição de um novo sentido - visão para o cego, audição para o surdo. Sendo esse sentido espiritual mais nobre e excelente do que qualquer outro, as Escrituras comparam sua concessão ao ressuscitar dos mortos e a uma nova criação.

Muitas pessoas confundem esse novo sentido espiritual com a imaginação, porém é bem diferente da imaginação. Imaginação é uma habilidade comum a todos; permite que tenhamos idéias de paisagens, sons, aromas e outras coisas quando estas não estão presentes. Ainda assim, as pessoas confundem imaginação com o sentido espiritual do seguinte modo: algumas pessoas têm idéias duma luz brilhante imprimida em suas

imaginações. Elas chamam a isso de revelação espiritual da glória de Deus; outras têm idéias vigorosas de Cristo pendurado e sangrando na cruz; chamam a isso de visão espiritual de Cristo crucificado; alguns vêem Cristo sorrindo para eles, com Seus braços abertos para abraçá-los; chamam a isso de revelação da graça e do amor de Cristo; alguns têm idéias vívidas do céu, de Cristo ali em Seu trono e brilhantes hostes de anjos e santos; chamam a isso de visão do céu aberto para eles; outros têm idéias de sons e vozes, talvez citando as Escrituras para eles; chamam a isso de ouvir a voz de Cristo em seus corações, ou ter o testemunho do Espírito Santo.

Estas experiências, entretanto, não têm nelas nenhuma coisa de espiritual ou divina. São simplesmente idéias imaginárias ou coisas externas - uma luz, um homem, uma cruz, um trono, uma voz. Essas idéias imaginárias não são espirituais em sua natureza; um homem natural pode ter idéias vivas de formas e cores e sons. A idéia imaginária dum brilho externo e da glória de Deus não é melhor do que a idéia que milhões de incrédulos condenados receberão da glória externa de Cristo no dia do Juízo Final. Uma imagem mental de Cristo pendurado numa cruz não é melhor que aquilo que os judeus não espirituais tiveram, quando ficaram em volta da cruz e viram a Jesus com seus olhos físicos. Pensem sobre isso. Acaso o quadro de Jesus na imaginação seria melhor que a idéia que os católicos romanos conseguem ter de Cristo com suas pinturas e estátuas idólatras dEle? E seriam as emoções inspiradas por essas idéias imaginárias melhores que aquelas que os católicos ignorantes sentem quando adoram essas pinturas e estátuas?

Essas idéias imaginárias estão tão longe de ter natureza espiritual que satanás pode facilmente produzi-las. Se ele pode sugerir *pensamentos* aos homens, pode também sugerir *imagens*. Sabemos pelo Velho Testamento que falsos profetas tinham sonhos e visões vindo de falsos espíritos. Vejam Deut. 13:1-3; I Reis 22:21-23; Is. 28:7; Ez. 13:1-9; Zac. 13:2-4. E, se satanás pode imprimir essas idéias imaginárias na mente, então as mesmas não podem ser evidência da obra de Deus.

Ainda que Deus produzisse essas idéias na mente de alguém, isso não provaria coisa alguma sobre a salvação dessa pessoa. Isso está claro nas Escrituras pelo exemplo de Balaão. Deus imprimiu na mente de Balaão uma imagem clara e viva de Jesus Cristo como uma estrela surgindo de Jacó e o cetro surgindo de Israel. Balaão descreve essa experiência da seguinte forma: "palavra daquele que ouve os ditos de Deus, e sabe a ciência do

Altíssimo; daquele que tem a visão do Todo--poderoso, e prostra-se, porém de olhos abertos; vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela precederá de Jacó, de Israel subirá um cetro" (Num. 24:16-17). Balaão viu a Cristo numa visão, porém não tinha conhecimento espiritual dEle. Não era salvo, apesar da imagem do Salvador impressa por Deus em sua mente.

Emoções surgindo de idéias na imaginação não são espirituais. Emoções espirituais podem produzir essas idéias, especialmente em pessoas de mente enfraquecida, mas idéias na imaginação não podem produzir emoções espirituais. Emoções espirituais só podem surgir de causas espirituais - do Espírito Santo dando-nos compreensão da verdade espiritual. Entretanto, a idéia mental duma visão ou uma voz não é de natureza espiritual, algo que pode ser experimentado tanto por crentes como por incrédulos, uma vez que a imaginação é uma habilidade natural partilhada por todos. Ainda assim, não é de surpreender que idéias religiosas imaginárias muitas vezes despertem emoções *naturais* em alto grau. O que mais poderíamos esperar, quando a pessoa que tem essas idéias crê que são revelações e sinais do favor de Deus? É claro que ela fica excitada!

Este é um bom lugar para dizer algo sobre o testemunho ao nosso espírito, pelo Espírito Santo, de que somos filhos de Deus (Rom. 8:16). Muitos não compreendem isso, pelo que tenho percebido. Pensam que o testemunho do Espírito é uma revelação imediata do fato de que são filhos adotados de Deus. É como se Deus falasse ao íntimo deles, por um tipo de voz ou impressão secreta, assegurando-lhes que Ele é seu Pai.

É a palavra "testemunho" que engana essas pessoas a ponto de pensarem assim. Quando as Escrituras dizem que Deus "testifica com o nosso espírito", elas supõem que deve significar que Deus assegura ou revela a verdade diretamente. Um olhar mais cuidadoso às Escrituras mostra que isso não é correto. Por "ser testemunha" ou "testificar", o Novo Testamento muitas vezes quer dizer *apresentar evidência da qual algo pode ser provado como sendo verdade*. Por exemplo, em Heb. 2:4 lemos: "dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres, e por distribuição do Espírito Santo segundo a Sua vontade." Esses sinais, maravilhas, milagres e dons são chamados "testemunho de Deus", não por serem assertivas, mas por serem evidências e provas. De novo, temos I Jo. 5:8, quando João chama "a água e o sangue" de testemunha. A água e o sangue não afirmam coisa alguma, porém foram evidências. Mais

uma vez, a obra da providência de Deus nas estações de chuva e frutos são "testemunho" da bondade de Deus, isto é, são evidências dessas coisas (At. 14:17).

Quando Paulo fala do Espírito Santo testificando com o nosso espírito que somos filhos de Deus, não quer dizer que o Espírito nos faz alguma sugestão ou revelação sobrenatural. Os versículos anteriores mostram o que Paulo quer dizer: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito da escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus." (Rom. 8:14-16). Isso significa que o Espírito Santo nos dá *evidência* de que somos filhos de Deus, por habitar em nós, dirigindo-nos e inclinando-nos a um comportamento para com Deus, tal como filhos para com um pai.

Paulo fala de dois espíritos, o espírito de escravidão, que é o medo; e o espírito de adoção, que é o amor. O espírito de escravidão opera pelo medo; o escravo teme a punição, entretanto o amor clama "Aba, Pai!" e permite que um homem vá até Deus e se comporte como filho dEle. Nesse amor filial por Deus, o crente vê e sente a união de sua alma com Ele. A partir disso tem segurança de ser filho de Deus. Assim, o testemunho do Espírito Santo não se trata de um sussurro espiritual ou revelação imediata. É o efeito santo do Espírito de Deus nos corações dos crentes, levando-os a amar a Deus, odiar o pecado e buscar a santidade. Ou, como Paulo o coloca: "Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis" (Rom. 8:13).

Quando Paulo diz que o Espírito Santo testifica com *nosso* espírito, não quer dizer que hajam duas testemunhas separadas e independentes. Quer dizer que recebemos pelo nosso espírito o testemunho do Espírito de Deus. Isto é, nosso espírito vê e declara a evidência de nossa adoção produzida pelo Espírito Santo em nós. Nosso espírito é a parte de nós que as Escrituras chamam, em outro lugar, de o coração (I Jo. 3: 19-21) e de a consciência (II Cor. 1:12).

Dano terrível tem resultado do pensamento que o testemunho do Espírito Santo seja um tipo de voz interna, sugestão, ou declaração de Deus para um homem que ele é amado, perdoado, eleito, etc. Quantas emoções vigorosas, porém falsas, resultaram dessa ilusão! Receio que multidões tenham ido para o inferno iludidas por elas. É por isso que tratei do assunto tão longamente.

3. O PROPÓSITO DE EMOÇÕES ESPIRITUAIS É A BELEZA DAS COISAS ESPIRITUAIS, NÃO O NOSSO PRÓPRIO INTERESSE

Não pretendo excluir todo interesse pessoal das emoções espirituais, mas seu lugar é secundário. O objetivo fundamental das emoções espirituais é a excelência e beleza das coisas espirituais como são em si mesmas, não a relação que têm com o nosso interesse pessoal.

Alguns dizem que todo amor resulta do amor de si mesmo. É impossível, dizem, para qualquer pessoa amar a Deus sem que o amor por si mesmo esteja à raiz de tudo. De acordo com essas pessoas, quem quer que ame a Deus e deseje comunhão com Ele e deseje a Sua glória, deseja estas coisas somente a propósito de sua felicidade. Assim, um desejo pela própria felicidade (amor a si próprio) está na base do amor por Deus. Entretanto, aqueles que dizem isso deveriam perguntar-se *porque* uma pessoa colocaria sua felicidade em dependência da comunhão com Deus e Sua glória. Certamente isso é o efeito do amor a Deus. Uma pessoa tem de amar a Deus antes de perceber a comunhão com Ele e Sua glória como a sua própria felicidade.

E claro que existe um tipo de amor por outra pessoa que surge do amor por si mesmo. Isso ocorre quando a primeira coisa que atrai o nosso amor por alguém é algum favor que nos tenha demonstrado ou algum presente que nos deu. Nesse caso, o amor a si mesmo certamente está à raiz do amor ao outro. É completamente diferente quando a primeira coisa que atrai o nosso amor ao outro é nosso apreço por suas qualidades, que são lindas em si mesmas.

O amor a Deus que emana essencialmente do amor a si mesmo não pode ser de natureza espiritual. O amor próprio é um princípio puramente natural. Existe nos corações de demônios como nos de anjos. Assim, nada pode ser espiritual se for meramente resultado do amor a si mesmo. Cristo fala sobre isso em Luc. 6:32: "Se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa? Porque até os pecadores amam aos que os amam."

A causa mais profunda do verdadeiro amor a Deus é *a suprema beleza da natureza divina*. É a única coisa razoável a se acreditar. O que faz, principalmente, um homem ou qualquer criatura belo é sua excelência. Certamente a mesma coisa é verdadeira no que diz respeito a Deus. A

natureza de Deus é infinitamente excelente; é beleza, fulgência e glória infinitas em si mesmas. Como podemos amar corretamente a excelência e beleza de Deus se não o fazemos por causa delas mesmas. Aqueles cujo amor a Deus é baseado na utilidade que Deus tem para eles mesmos, estão partindo do ponto errado. Estão vendo a Deus somente do ponto de vista do interesse próprio. Falham em apreciar a glória infinita da natureza de Deus, que é a fonte de toda a bondade e toda a beleza.

O amor natural a si mesmo pode produzir muitas emoções dirigidas a Deus e a Cristo, onde não há apreciação da beleza e glória da natureza divina. Por exemplo, amor por si mesmo pode produzir uma gratidão meramente natural a Deus. Isso pode ocorrer por idéias erradas sobre Deus, como se Ele fosse somente amor e misericórdia, sem justiça vingadora, ou como se Deus estivesse obrigado a amar uma pessoa pelos seus merecimentos. Desse ponto de vista, os homens podem amar a um deus criado por sua própria imaginação, quando não têm nenhum amor pelo Deus verdadeiro.

Mais uma vez, o amor próprio pode produzir um amor a Deus mediante a falta de convicção de pecado. Algumas pessoas não têm qualquer percepção da perversão do pecado, nem da infinita e santa aversão de Deus ao pecado. Pensam que Deus não tem padrões mais altos que os deles! Assim, dão-se bem com Ele, mas amam a um deus imaginário, não ao Deus verdadeiro. Existem também outros cujo amor a si mesmos produz um tipo de amor a Deus, simplesmente pelas bênçãos materiais que recebem de Sua providência. Nisso também não há qualquer coisa espiritual!

Além disso, outros sentem um amor vigoroso por Deus, por crerem fortemente que Ele os ama. Depois de passarem por grande desespero e medo do inferno, podem subitamente começar a crer que Deus os ama, perdoou seus pecados e os adotou como Seus filhos. Isso pode ocorrer por uma impressão em suas imaginações, ou uma voz falando de dentro deles, ou de alguma outra forma não bíblica. Se você perguntar a essas pessoas se Deus é amável e excelente em Si mesmo, podem perfeitamente dizer que sim. Entretanto, a verdade é que sua boa opinião sobre Deus foi obtida pela grande bênção que imaginam ter recebido dEle. Permitem que Deus seja amável nEle mesmo, somente porque Ele os perdoou e os aceitou, *ama-os* tanto e prometeu levá-los ao céu. É fácil amar a Deus e dizer que Ele é amável quando acreditam nisso. Qualquer coisa é amável para uma pessoa interesseira quando promove o seu próprio interesse.

O verdadeiro amor espiritual por Deus surge nos cristãos de um modo completamente diferente. Cristãos verdadeiros não vêem primeiro que Deus os ama e depois descobrem que Ele é amável. Vêem primeiro que Deus é amável, que Cristo é excelente e glorioso. Seus corações são primeiramente cativados por essa visão de Deus e seu amor por Ele surge principalmente dessa percepção. O verdadeiro amor se inicia com Deus, amando-O por aquilo que Ele é. Amor por si mesmo começa com a pessoa e ama a Deus por interesse em si mesmo.

Entretanto, não gostaria que pensassem que toda a gratidão a Deus por Suas bênçãos seja meramente natural e egoísta. Existe gratidão espiritual. A verdadeira gratidão espiritual se diferencia da gratidão meramente interesseira dos seguintes modos:

(i) A verdadeira gratidão a Deus por Suas bênçãos flui de um amor a Deus como Ele é em Si mesmo. O cristão já viu a glória de Deus, e ela cativou o seu coração. Assim, o seu coração se torna sensível e é facilmente tocado quando este Deus glorioso lhe dirige favores e bênçãos. Posso ilustrar isso a partir da vida humana. Se um homem não tem amor por outra pessoa, pode ainda assim sentir gratidão por algum ato de bondade feito a ele por aquela pessoa; ainda assim, isto é diferente da gratidão de um homem a um amigo amado, por quem seu coração já tem uma grande afeição. Quando nossos amigos nos ajudam, o amor que já sentimos por eles aumenta. Do mesmo modo, um amor a Deus por Sua beleza e glória inclina a ainda maior amor quando este grande Deus derrama bênçãos sobre nós. Assim, não podemos excluir todo amor a si mesmo da gratidão espiritual. "Amo o Senhor, porque ele ouve a minha voz e as minhas súplicas" (Sal. 116:1). No entanto, nosso amor pelo que Deus faz, prepara o caminho para nossa gratidão pelo que Ele faz.

(ii) Em gratidão espiritual, a bondade de Deus toca o coração das pessoas não só porque os abençoa, mas porque a bondade é parte da glória e beleza de Sua própria natureza. A incomparável graça de Deus revelada na obra da redenção e resplandecendo na face de Cristo, é infinitamente gloriosa em si mesma. O cristão vê essa glória e se delicia nela. Seu interesse na obra de Cristo, como um pecador necessitando de salvação, ajuda a focalizar sua mente nela. A visão da bondade de Deus agindo por sua redenção faz com que preste ainda mais atenção à natureza gloriosa da bondade de Deus. Por isso, o amor próprio se torna o servo da contemplação espiritual.

Alguns podem fazer objeções a tudo o que eu disse, citando do I Jo. 4:19: "Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro." Eles pensam que isto significa que nosso *conhecimento* do amor de Deus por nós é o que primeiramente faz com que amemos a Ele. Discordo. Penso que João quer dizer algo bem diferente. Quer dizer que o nosso amor a Deus é algo que Ele coloca em nossos corações, como sinal de *Seu* amor por nós. Nós O amamos, porque Ele graciosamente inclina os nossos corações a amá-10; Ele faz isso devido a Seu amor gratuito e soberano por nós; pelo que, Ele nos escolheu eternamente para nos tornar os que O amam. Nesse sentido, nós O amamos porque Ele primeiro nos amou. E o que equivale a dizer: "Somos salvos porque Ele nos amou quando não tínhamos amor por Ele."

Admito que existem outros modos em que amamos a Deus porque Ele primeiro nos amou, todavia isso tem que se referir a um amor espiritual por Deus, não a um amor meramente egoísta. Por exemplo, o amor de Deus em Jesus Cristo pelos pecadores é uma das revelações mais importantes das Suas gloriosas perfeições morais. Assim, o amor de Deus por nós produz um amor pela perfeição moral de Deus. De novo, o amor de Deus por uma pessoa eleita em particular, revelado na conversão daquela pessoa, é uma grande demonstração da glória de Deus para ela; por isso produz santa gratidão espiritual, como foi explicado acima. Desses vários modos amamos a Deus com amor santo e espiritual, pois Ele primeiro nos amou. Por que não deveríamos presumir que esse é o tipo de amor a Deus sobre o qual trata I Jo. 4:19, em vez de um simples amor egoísta?

Até aqui discuti o *amor* de um cristão por Deus. O que eu disse se aplica igualmente à *alegria* e *prazer* em Deus. Prazer espiritual em Deus surge principalmente de Sua beleza e perfeição, não das bênçãos que nos são dadas por Ele. Mesmo o caminho da salvação por Cristo é prazeroso principalmente por Sua exibição gloriosa das perfeições de Deus. E claro, o cristão se regozija por Cristo ser seu Salvador pessoal. Contudo, esta não é a causa mais profunda de sua alegria.

Quão diferente é com os falsos cristãos! Quando ouvem do amor de Deus ao enviar Seu Filho, o amor de Cristo em morrer pelos pecadores e as grandes bênçãos que Cristo comprou para Seu povo, e prometeu a ele, podem escutar com grande prazer e se sentir grandemente jubilosos. Todavia, se examinarmos essa alegria, descobrimos que eles estão se regozijando porque essas bênçãos são *suas*, tudo isso *os* alegra. Podem até se deliciar na doutrina da eleição, pois lisonjeia seu amor próprio pensar que são

os favoritos do céu! Sua alegria é realmente em si mesmos, não em Deus.

Por conseguinte, em todas as alegrias dos falsos cristãos, seus olhos estão em si mesmos. Suas mentes estão ocupadas com suas próprias experiências, não com a glória de Deus ou a beleza de Cristo. Ficam pensando, "Como isso é uma boa experiência! Que enormes revelações estou recebendo! Que boa história posso contar para os outros agora!" Desse modo, põem suas experiências no lugar de Cristo. Em vez de se regozijarem na beleza e plenitude de Cristo, regozijam-se em suas maravilhosas experiências; e isso se mostra em sua conversa. São grandes conversadores sobre si mesmos. O verdadeiro cristão, quando se sente espiritualmente aquecido e fervoroso, gosta de falar de Deus, de Cristo e das verdades gloriosas do evangelho. Falsos cristãos são repletos de conversa sobre si mesmos, as maravilhosas experiências que *eles* tiveram, como estão seguros que Deus os ama, como *suas* almas estão seguras, como sabem que eles irão para o céu, etc.

4. EMOÇÕES ESPIRITUAIS SÃO BASEADAS NA EXCELÊNCIA MORAL DAS COISAS DIVINAS

O que quero dizer por excelência moral das coisas divinas? Não estou me referindo àquilo que muitos entendem por "moralidade". Muitos usam essa palavra se referindo meramente ao cumprimento exterior dos deveres. Outros a usam para se referir às virtudes não espiritualmente motivadas que um incrédulo pode ter - honestidade, justiça, generosidade, etc. Quando falo de excelência moral, o que quero dizer é o tipo de excelência que pertence ao caráter moral de Deus. Noutras palavras, estou falando sobre a *santidade* de Deus. A santidade de Deus é a soma total de Suas perfeições morais - Sua retidão, verdade e bondade. (Deus tem outros atributos, tais como poder, conhecimento e eternidade, mas não os chamamos *morais*, pois não são qualidades do *caráter* de Deus.)

Já mostrei que emoções espirituais surgem da beleza das coisas espirituais. Estou agora seguindo um passo adiante e afirmando que esta beleza é moral. O que um verdadeiro cristão ama nas coisas espirituais é a santidade. Ele ama a Deus pela beleza de Sua santidade.

Não quero dizer que os cristãos não vejam beleza no poder, no conhecimento e na eternidade de Deus. Entretanto, nós amamos essas coisas

por causa da santidade de Deus. Poder e conhecimento não fazem um ser amável sem santidade. Quem veria beleza num homem perverso somente por ter poder e conhecimento? É santidade que torna essas outras qualidades formosas. A sabedoria de Deus é gloriosa por ser uma sabedoria santa, e não uma astúcia perversa. A eternidade de Deus é gloriosa por ser uma eternidade santa, e não um mal imutável.

Assim, amor a Deus deve começar pelo enlevo em Sua santidade, e não por Seus outros atributos. É da santidade de Deus que o restante de Seu ser deriva Sua beleza. Não veremos nenhuma beleza no conhecimento, poder, eternidade ou outros atributos de Deus a não ser que primeiro vejamos o puro encanto de Sua santidade.

Do mesmo modo que a santidade é a beleza da natureza de Deus, é também a beleza de todas as coisas espirituais. A beleza do cristianismo é por ser uma religião tão santa. A beleza da Bíblia é devido à santidade de seu ensinamento (Sal. 19:7-10). A beleza de nosso Senhor Jesus é por causa da santidade de Sua Pessoa - "o Santo" de Deus (At. 2:14). A beleza do evangelho é devido ser ele um evangelho santo, brilhando com a beleza de Deus e Jesus Cristo. A beleza do céu é a sua perfeição santa - "a santa cidade" (Apoc .21:10).

Eu disse antes que Deus dá aos cristãos um novo sentido espiritual. Agora posso dizer-lhes exatamente o que esse sentido espiritual vê, sente e saboreia. É *a beleza da santidade*. Os incrédulos não podem ver essa beleza, porém o Espírito Santo tornou os cristãos conscientes dela.

As Escrituras indicam a beleza da santidade como o verdadeiro objetivo do apetite espiritual. Esse era o doce alimento do Senhor Jesus Cristo. "Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis. A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra" (Jo. 4:32 e 34). Temos também no Salmo 119 uma das passagens mais claras nas Escrituras sobre a natureza da verdadeira religião. Ela celebra a lei de Deus, que revela Sua santidade. Declara por toda sua extensão que a excelência desta lei é o principal objetivo do paladar espiritual (Vejam versículos 14,72,103,127,131, 162). Encontramos a mesma idéia no Salmo 19, onde o salmista declara que as santas leis de Deus "são mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos" (v.10).

Uma pessoa espiritual ama as coisas santas pela mesma razão que a não espiritual as odeia - e o que uma pessoa não espiritual odeia nas coisas

espirituais é precisamente sua santidade! Assim também, é a santidade das coisas santas que uma pessoa espiritual ama. Vemos isso nos santos e nos anjos nos céus. O que cativa suas mentes e corações é a glória e a beleza da santidade de Deus. "E clamavam uns para os outros, dizendo: santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia de sua glória" (Is. 6:3). "Não têm descanso nem de dia nem de noite, proclamando: santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, aquele que era, que é e que há de vir" (Apoc. 4:8). "Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor?... pois só tu és santo" (Apoc. 15:4). E assim como é nos céus, assim também deveria ser na terra. "Exaltai ao Senhor nosso Deus, e prostrai-vos ante o escabelo de seus pés, porque ele é santo" (Sal. 99:5).

Podemos testar nossos desejos pelo céu por essa regra. Queremos estar lá pela santa beleza de Deus que ali brilha? Ou nosso desejo pelo céu é baseado numa simples ansiedade pela felicidade egoísta?

5. EMOÇÕES ESPIRITUAIS SURGEM DA COMPREENSÃO ESPIRITUAL

Emoções espirituais não são calor sem luz. Surgem da iluminação espiritual. O verdadeiro cristão *sente* porque *vê* e *compreende* algo mais sobre as coisas espirituais do que antes. Tem uma visão mais clara e melhor do que antes; ou recebe conhecimento novo da verdade de Deus ou recupera um conhecimento que teve, o qual perdeu. "E também faço esta oração: que o vosso amor aumente ainda mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção" (Fil. 1:9). "Vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Col. 3:10).

Neste ponto, quero enfatizar que há uma grande diferença entre o conhecimento *doutrinário* e conhecimento *espiritual*. Conhecimento doutrinário envolve somente o intelecto, porém o conhecimento espiritual é um *sentimento do coração* pelo qual vemos a beleza da santidade *na* doutrina cristã. Conhecimento espiritual sempre envolve o intelecto e o coração ao mesmo tempo. Precisamos entender intelectualmente o que significa uma doutrina das Escrituras, e degustar a santa beleza desse significado com nosso coração.

É possível ter grande conhecimento das doutrinas no intelecto e ainda assim não ter gosto pela beleza da santidade nessas doutrinas. A pessoa sabe intelectualmente em sua mente, mas não conhece espiritualmente em seu

coração. Mero conhecimento doutrinário se assemelha a alguém que viu e tocou o mel. Conhecimento espiritual se assemelha a alguém que sentiu o gosto doce do mel em seus lábios. Este sabe muito mais sobre o mel do que aquele que somente olhou e tocou!

Segue-se que uma compreensão espiritual das Escrituras não significa uma compreensão de suas parábolas, tipos e alegorias. Uma pessoa pode saber interpretar todas estas coisas, sem que tenha tido sequer um raio de luz espiritual em sua alma. "Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência... se não tiver amor, nada serei" (I Cor. 13:2). O "significado espiritual" das Escrituras é a doçura divina de suas verdades, e não a correta interpretação de suas passagens simbólicas.

Mais uma vez, não seria conhecimento espiritual se Deus revelasse imediatamente Sua vontade às nossas mentes pelo Espírito Santo. Tal conhecimento ainda seria doutrinário e, não espiritual. Fatos sobre a vontade de Deus são doutrinas, tanto quanto os fatos sobre a natureza e as obras de Deus! Portanto, ainda estaríamos tratando meramente de conhecimento doutrinário, mesmo supondo que Deus revelasse Sua vontade diretamente às nossas mentes. Revelações diretas não poderiam resultar em nosso conhecimento espiritual, se não tivéssemos uma noção da beleza santa da vontade de Deus.

Quero corrigir outro erro comum sobre a compreensão espiritual. Alguns declaram que Deus lhes revela Sua vontade gravando um texto das Escrituras em suas mentes - muitas vezes um texto sobre um personagem bíblico e sua conduta. Por exemplo, um cristão está tentando decidir se deve ou não ir a um país estrangeiro, onde provavelmente encontrará muitas dificuldades e perigos. As palavras de Deus a Jacó em Gênesis 46:4 vêm poderosamente a sua mente: "Eu descerei contigo para o Egito, e te farei tornar a subir, certamente." Essas palavras se relacionam com Jacó e sua conduta, porém o cristão as interpreta como se se referissem a ele. Interpreta o Egito como o país estrangeiro que tem em mente, e pensa que Deus está prometendo levá-lo ali e trazê-lo de volta em segurança. Pode chamar a isso uma "compreensão espiritual" do texto, ou o Espírito Santo aplicando o texto a ele.

No entanto não há nenhuma coisa de espiritual nisso. Compreensão espiritual percebe o que de fato está nas Escrituras; elas não lhe dão um novo significado. Criar um significado novo para as Escrituras é equivalente a criar novas Escrituras! É acrescentar à Palavra de Deus, uma prática condenada

por Deus (Prov. 30:6). O verdadeiro significado espiritual das Escrituras é aquele que teve originalmente, quando o Espírito a inspirou. Esse significado original é aquele que todos poderiam ver, se não estivessem espiritualmente cegos.

Sem dúvida estas experiências geram emoções ardentes. É claro que as pessoas se sentem muito emocionadas quando pensam que Deus as está guiando dessa forma por um texto, ou revelando a elas a Sua vontade diretamente pelo Espírito. O que quero dizer, entretanto, é o seguinte: nenhuma dessas experiências consiste num sentido ou gosto pela beleza da santidade de Deus. Além disso, emoções são espirituais somente quando resultam dessa visão espiritual da beleza da santidade de Deus. Se emoções surgem meramente de sugestões na mente, ou palavras vindo à cabeça, não são de natureza espiritual.

Grande parte da religião falsa no mundo se compõe dessas experiências e das falsas emoções que propiciam. Religiões não cristãs estão repletas delas. Assim, desafortunadamente, é a história da Igreja. Estas experiências cativam as pessoas, especialmente as de menor inteligência; pensam que o cristianismo se resume nessas impressões, visões e êxtases. Logo, satanás se transforma num anjo de luz, engana às multidões e corrompe a verdadeira religião. Líderes da Igreja devem estar constantemente de sobreaviso em relação a esses enganos, especialmente em tempos de avivamento.

Antes de prosseguir, quero deixar uma coisa clara. Eu não quero ser mal entendido no que afirmei. Não estou dizendo que emoções não são espirituais somente por serem acompanhadas de idéias imaginárias. A natureza humana é tal que não podemos pensar intensamente sobre algo sem ter algum tipo de idéia imaginária. No entanto, se nossas emoções *resultam* dessas idéias imaginárias e não de nosso conhecimento espiritual, então nossas emoções não têm valor espiritual. Quero que tenham essa diferença em mente: *idéias imaginárias podem surgir de emoções espirituais, mas emoções espirituais não podem surgir de idéias imaginárias*. Emoções espirituais só podem redundar do entendimento espiritual, isto é, da ótica do coração que vê a beleza da santidade. Se idéias imaginárias acompanham uma verdadeira emoção espiritual, não são essenciais a ela, todavia são um efeito acidental.

6. EMOÇÕES ESPIRITUAIS TRAZEM UMA CONVICÇÃO DA REALIDADE DAS COISAS DIVINAS

Lembrem-se do texto das Escrituras no início deste livro: "a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória " (I Ped. 1:8).

O verdadeiro cristão tem uma convicção sólida e efetiva da verdade do evangelho. Não hesita mais entre duas opiniões. O evangelho deixa de ser duvidoso ou provavelmente verdadeiro, tornando-se estabelecido e indiscutível em sua mente. As coisas grandes, espirituais, misteriosas e invisíveis do evangelho influenciam seu coração como realidades poderosas. Ele não tem simplesmente uma opinião que Jesus seja o Filho de Deus; Deus abre seus olhos para *ver* que este é o caso. Quanto às coisas que Jesus ensina sobre Deus, a vontade de Deus, a salvação e o céu, o cristão também sabe que são realidades indubitáveis. Têm, assim, uma influência prática em seu coração e em seu comportamento.

É claro nas Escrituras que todos os verdadeiros cristãos têm essa convicção sobre as coisas divinas. Mencionarei somente alguns textos dos muitos existentes: "Mas vós... quem dizeis que eu sou?" "Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo. Então Jesus lhe afirmou: bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus" (Mat. 16:15-17). "Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. Agora eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado, provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste e eles as receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste" (João 17:6-8). "Porque sei em quem lenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia" (II Tim. 1:12). "E nós conhecemos e cremos O amor que Deus nos tem" (I João 4:16).

Existem muitas experiências religiosas que falham em trazer essa convicção. Muitas das chamadas revelações são *emocionantes*, mas não convincentes. Não produzem mudança duradoura na atitude e conduta da pessoa. Existem pessoas que têm tais experiências, todavia não agem sob influência prática de uma convicção das realidades infinitas, eternas em suas vidas diárias. Suas emoções Urdem por algum tempo e depois morrem

de novo, não deixando atrás de si nenhuma convicção duradoura.

Entretanto, suponhamos que as emoções religiosas de uma pessoa surjam realmente de uma forte convicção que o cristianismo é verdadeiro. Seriam suas emoções espirituais? Não, não necessariamente. De fato, suas emoções ainda não são espirituais, a não ser que sua convicção seja *razoável*. Por "uma convicção razoável", quero dizer uma convicção fundada em evidência e de bom entendimento. Pessoas de outras crenças têm uma forte convicção da verdade de suas religiões. Muitas vezes aceitam suas religiões meramente porque seus pais, vizinhos e nações as ensinam. Se um cristão professo não tem outra base para sua fé, a não ser essa, sua religião não é melhor do que a de qualquer outro que creia meramente como resultado de sua formação. Sem dúvida a *verdade* em que o cristão acredita é melhor, porém se sua *crença* nessa verdade vem somente de sua formação, então a crença em si mesma está no mesmo nível que aquela das pessoas de outras religiões. As emoções que fluem de tal crença não são melhores que as emoções religiosas fundadas em outras crenças.

Além disso, suponhamos que a crença de uma pessoa no cristianismo não seja baseada em sua educação, mas em argumentos e na razão. Seriam suas emoções agora espirituais? Mais uma vez, não necessariamente. Emoções não espirituais podem surgir até de uma crença razoável. A crença propriamente dita há de ser *espiritual* bem como razoável. De fato, argumentos racionais às vezes convencerão uma pessoa intelectualmente que o cristianismo é verdadeiro, no entanto aquela pessoa continua não salva. Simão, o mágico, cria intelectualmente (At. 8:13), porém, continuou "em fel de amargura e laço de iniquidade" (At. 8:23). Crença intelectual certamente pode produzir emoções, como nos demônios que "crêem e tremem" (Tg. 2:19), todavia tais emoções não são espirituais.

Convicção espiritual da verdade surge somente numa pessoa espiritual. Somente quando o Espírito de Deus ilumina nossas mentes para entender realidades espirituais podemos ter uma convicção espiritual da verdade delas. Lembrem-se, compreensão espiritual significa uma percepção interior da beleza espiritual das coisas divinas. Descreverei agora como essa compreensão nos convence da veracidade dessas coisas.

Deus é único. É totalmente diferente de outros seres e mais do que qualquer outro atributo divino, é a *beleza* de Deus que O distingue. Essa beleza é totalmente diversa de todas as outras belezas. Assim, quando o cristão a encontra no cristianismo, ele vê Deus aí. Vê a beleza divina, a qual é a

principal característica distinguidora de Deus. Isto dá ao cristão um conhecimento direto, intuitivo que o evangelho de Cristo vem de Deus. Ele não precisa ser persuadido por longos e complicados argumentos. O argumento é simples: ele percebe a verdade do evangelho porque vê sua beleza e glória divinas.

Muitas das verdades mais importantes do evangelho dependem de sua beleza espiritual. Uma vez que o homem natural não pode ver essa beleza, não é de admirar que não acredite nelas. Deixem-me dar alguns exemplos. A não ser que vejamos a beleza da santidade, estaremos cegos para a fealdade do pecado. Conseqüentemente, não entenderemos o modo como as Escrituras condenam o pecado, nem o que dizem sobre a terrível pecaminosidade da humanidade. Somente aquele a quem o Espírito Santo der essa habilidade de provar a doçura da santidade e o amargor do pecado pode ver e sentir a terrível depravação de seu próprio coração. Só dessa forma ficamos convencidos que as Escrituras falam a verdade sobre a corrupção da natureza humana, sobre a necessidade do homem de ter um Salvador e quanto ao grandioso poder de Deus para mudar e renovar o coração humano. Isso nos convence também que Deus é justo ao punir tão severamente o pecado e que o homem é incapaz de expiar seu próprio pecado. Esse sentido de beleza espiritual permite que a alma veja a glória de Cristo, conforme as Escrituras O revelam. Compreendemos O infinito valor de Sua expiação e a excelência do caminho da salvação no evangelho. Vemos que a felicidade do homem consiste na santidade e sentimos a glória indescritível do céu. A verdade de todas essas coisas mostra-se à alma somente quando esta recebe o sentido espiritual da beleza divina de que tenho falado.

Se a convicção da verdade do evangelho não puder surgir a partir desse sentido de sua beleza divina, a maior parte das pessoas jamais lerá qualquer crença nessa verdade. Estudiosos e acadêmicos podem crer com base na evidência histórica, mas isto não está ao alcance da maioria de nós. A evidência histórica exige um conhecimento de muitos escritos históricos fora das Escrituras. Comparando esses escritos com as Escrituras é possível ver quão confiável ela é em seu relato histórico dos povos e dos eventos. Mesmo assim, quem fará esse estudo, exceto os estudiosos? Se um incrédulo tiver que se tornar historiador antes de se tornar um cristão, quantos se tornarão cristãos? Será necessário que percorramos o laborioso processo de estudar escritos históricos não escriturísticos, antes de crermos neles? Teria Deus realmente dificultado tanto nossa possibilidade de convicção razoável

da verdade de Seu evangelho?

O fato é que poucas pessoas realmente crêem desse modo. Muitos dos cristãos do passado eram iletrados, mas ainda assim creram, e creram corretamente. A fé deles não dependeu do que os estudiosos e historiadores lhes disseram. Se isso tivesse acontecido, teria sido meramente uma opinião humana e não a completa segurança exigida pela Palavra de Deus. "Aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé" (Heb. 10:22). "Para que os seus corações sejam confortados, vinculados juntamente em amor, e tenham toda riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo" (Col. 2:2). Não podemos obter esse tipo de certeza a partir do que os estudiosos e historiadores nos dizem. Contudo, Deus mesmo no-la dá. Ele abre nossos olhos para vermos as indizíveis beleza e glória divinas que brilham no Seu evangelho. Vemos Deus ali. Essa evidência nos convence totalmente. O homem natural pode ser cego a ela, como uma pessoa inculta é cega para a beleza da poesia erudita. O cristão espiritual, entretanto, vê, aprova e aprecia essa maravilhosa glória divina do evangelho, que dissolve todas as suas dúvidas, convencendo-o de ser a verdade.

Não estou dizendo que todo cristão sente o mesmo grau de certeza espiritual o tempo todo. Obtemos segurança da verdade do evangelho *à medida em que vemos* sua beleza divina, mas às vezes nossa visão se torna turva. O que precisamos é uma visão cada vez mais clara dessa beleza divina do cristianismo, se nossa segurança há de ser intensa e poderosa.

Ora, novamente não estou dizendo que a evidência histórica, bem como outros argumentos em relação ao cristianismo sejam inúteis. Deveríamos atribuir-lhes grande valor; podem impelir o incrédulo a levar o cristianismo a sério. Podem confirmar a fé dos crentes. O que não podem fazer é produzir certeza espiritual. Somente uma visão da beleza espiritual e glória divina das coisas pode fazer isso.

7. EMOÇÕES ESPIRITUAIS SEMPRE COEXISTEM COM A HUMILHAÇÃO ESPIRITUAL

Humilhação espiritual é o sentimento que tem o cristão de quanto é suficiente e detestável, levando-o a rebaixar-se e exaltar somente a Deus. Ao mesmo tempo, há um outro tipo de humilhação que podemos chamar de

humilhação *legal*. Humilhação legal é uma experiência que somente os incrédulos podem ter. A lei de Deus opera em suas consciências, fazendo com que percebam quão pecaminosos e inúteis são. Entretanto, não vêem a natureza odiosa do pecado, nem renunciam o pecado em seus corações, nem se rendem a Deus. Sentem-se como que forçados a serem humildes, mas não têm humildade. Sentem o que todas as pessoas más e diabólicas sentirão no Dia do Juízo - condenados, humilhados e forçados a admitir que Deus está certo, porém continuam não convertidos.

Humilhação espiritual, por outro lado, brota do sentido que o verdadeiro cristão tem da beleza e glória da santidade de Deus. Faz com que sinta quão vil e desprezível é em si mesmo devido à sua iniquidade. Leva-o a se prostrar voluntária e alegremente perante os pés de Deus, negando a si mesmo e renunciando a seus pecados.

Humilhação espiritual é da essência da verdadeira religião. Aqueles que carecem dela não são cristãos verdadeiros, não importa quão maravilhosas possam ser suas experiências. As Escrituras são bem completas em seu testemunho da necessidade dessa humilhação: "Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado, e salva os de espírito oprimido" (Sal. 34:18). "Sacrifícios agradáveis a Deus são O espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus" (Sal. 51:17). "Assim diz o Senhor: o céu é o meu trono, a terra o estrado dos meus pés ... mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito, e que treme da minha palavra" (Is. 66:1-2). "Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mat. 5:3). Vejam também a parábola do fariseu e do publicano, Luc. 18:9-14.

Humilhação espiritual é a essência da auto-negação cristã. Consiste em duas partes. Primeiro, um homem deve negar suas inclinações mundanas e renunciar a todos os prazeres pecaminosos. Em segundo lugar, deve negar à sua natural concentração em si mesmo e auto-afirmação. Essa segunda parte é a mais fácil de realizar. Muitos fizeram a primeira sem atingir a segunda; rejeitaram os prazeres físicos, somente para sentir o prazer diabólico do orgulho.

É claro, hipócritas orgulhosos fingem ser humildes, porém geralmente interpretam mal esse papel. Sua humildade geralmente consiste em dizer aos outros como são humildes. Dizem coisas como: "Sou o menor de todos os santos", "Sou uma pobre e vil criatura", "Meu coração é pior que o diabo", etc. Dizem essas coisas e ainda assim esperam que os outros

os vejam como santos notáveis. Se outra pessoa dissesse sobre o hipócrita as mesmas coisas que ele diz sobre si mesmo, como ficaria ofendido!

Orgulho espiritual pode ser muito sutil, disfarçando-se como humildade, mas existem dois sinais que evidenciam sua presença:

(i) O homem orgulhoso compara a si mesmo com os outros nas coisas espirituais, e tem uma opinião exaltada sobre si mesmo. Está ansioso por liderança entre o povo de Deus, e deseja que sua opinião seja lei para todos. Quer que os outros cristãos tenham-no como exemplo e o sigam em questões de religião.

O homem verdadeiramente humilde é o oposto disso. Sua humildade faz com que pense que os outros são melhores do que ele mesmo (Fil. 2:3). Não é normal que tome sobre si mesmo o posto do professor, pois pensa que outros estão mais preparados que ele, como fez Moisés (Ex. 3:11-4:7). Está mais ansioso por ouvir do que por falar (Tg. 1:19). E quando fala, não é de modo ousado e auto-confiante, e sim com temor. Não aprecia exercer poder sobre os outros, preferindo seguir a liderar.

(ii) Outro sinal certo de orgulho espiritual é que o homem orgulhoso tende a pensar muito bem de sua humildade, enquanto o homem verdadeiramente humilde pensa que é muito orgulhoso!

Isso decorre de o homem orgulhoso e o humilde terem diferentes pontos de vista sobre si mesmos. Medimos a humilhação de um homem por nossos pontos de vista sobre a dignidade e grandeza que lhes são próprias. Se um rei se ajoelhasse para tirar o sapato de outro rei, consideraríamos isso um ato de rebaixar a si mesmo, assim como sentiria o rei que o tirou. Em contraste, se um escravo se ajoelhasse para remover o sapato de um rei, ninguém pensaria ter sido esse um ato de grande rebaixamento, ou sinal de grande humildade. O próprio escravo não pensaria isso, a não ser que fosse ridiculamente cheio de si. Se depois o escravo saísse alardeando da grande humildade que demonstrou ao remover o sapato do rei, todos ririam dele! "Quem você pensa que é, diriam, para supor ter sido humilde ao tirar o sapato do rei?"

O homem orgulhoso é como o escravo cheio de si. Pensa ser um grande sinal de humildade confessar sua indignidade perante Deus. Isso decorre de ter um alto conceito de si mesmo. Quão humilde *ele* é ao confessar sua indignidade! Se tivesse uma visão apropriada de si mesmo, iria antes se sentir admirado e envergonhado de não ser mais humilde perante Deus.

O homem verdadeiramente humilde nunca sente que se rebaixou o

suficiente perante Deus. Sente que não importa quanto se proste, poderia prostrar-se ainda mais. Sempre sente que está acima de sua posição própria perante Deus. Olha para sua posição e para aquela onde deveria estar, e parece estar a uma grande distância dessa. Chama à distância "orgulho". É seu orgulho que lhe parece ser grande, não sua humildade. Não parece para ele ser um grande sinal de sua humildade que se deite no pó aos pés de Deus. Ele pensa que é exatamente onde deve estar.

Leitor, não se esqueça de aplicar estas coisas a você mesmo. Acaso você fica ofendido quando alguém pensa que é um cristão melhor do que qualquer outro? Pensa que essa pessoa é orgulhosa e que você é mais humilde que ela? Então tenha cuidado, caso que se torne orgulhoso de sua humildade! Examine a si mesmo. Se concluir, "Parece-me que ninguém é tão pecador quanto eu", não fique satisfeito com isso. Você pensa ser melhor do que os outros por admitir que é tão pecador? Tem uma alta opinião dessa sua humildade? Se você diz: "Não, eu não tenho uma opinião elevada de minha humildade, penso que sou tão orgulhoso quanto o diabo", então examine-se de novo. Porventura você está orgulhoso do fato que não tem uma opinião elevada sobre sua humildade? Você pode ter orgulho de admitir quão orgulhoso você é!

8. EMOÇÕES ESPIRITUAIS SEMPRE COEXISTEM COM UMA MUDANÇA DE NATUREZA

Todas as emoções espirituais surgem de uma compreensão espiritual, na qual a alma vê a excelência e glória das coisas divinas. Essa visão espiritual tem um efeito transformador. "E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (II Cor. 3:18). Este poder transformador vem somente de Deus - do Espírito do Senhor.

As Escrituras descrevem a conversão em termos que implicam ou significam uma mudança de natureza: nascer de novo, tornar-se novas criaturas, levantar-se dos mortos, ser renovado em espírito e na mente, morrer para o pecado e viver para a retidão, descartando o homem velho e vestindo o novo, partilhar da natureza divina, e assim por diante.

Segue-se que se não há mudança real e duradoura nas pessoas que

pensam estar convertidas, então sua religião não têm nenhum valor, não importa quais tenham sido suas experiências. A conversão é o volver do homem total do pecado para Deus. É claro que Deus pode impedir as pessoas não convertidas de pecar, todavia na conversão Ele volve o próprio coração e sua natureza do pecado para a santidade. A pessoa convertida se torna uma inimiga do pecado. O que, então, podemos pensar de alguém que diz ter tido uma experiência de conversão, mas cujas emoções religiosas logo morrem, deixando-o muito parecido com a pessoa que foi antes? Ele parece egoísta, mundano, tolo, perverso e não cristão como sempre. Isso fala *contra* ele mais alto do que qualquer experiência religiosa possa falar a favor dele. Em Jesus Cristo, não importam circuncisão ou incircuncisão, experiência dramática ou silenciosa, testemunho maravilhoso ou enfadonho. A única coisa que importa é uma nova criação.

E claro que devemos levar em conta o temperamento natural dos indivíduos. A conversão não destrói o temperamento natural. Se nosso temperamento faz com que sejamos inclinados a certos pecados antes de nossa conversão, muito possivelmente tenderemos aos mesmos pecados depois da conversão. Entretanto, a conversão fará alguma diferença até nesse ponto. Embora a graça de Deus não destrua as falhas de temperamento, pode corrigi-las. Se um homem antes de sua conversão era inclinado por seu temperamento natural à lascívia, bebedeira ou vingança, sua conversão terá um poderoso efeito sobre essas inclinações más. Ainda pode correr perigo desses pecados, mais que quaisquer outros, porém eles não dominarão sua alma e sua vida como fizeram antes. Não serão mais parte de seu verdadeiro caráter. De fato, arrependimento sincero fará com que uma pessoa odeie e tema particularmente os pecados dos quais foi exteriormente mais culpado.

9. AS EMOÇÕES ESPIRITUAIS VERDADEIRAS DIFEREM DAS FALSAS, NA PROMOÇÃO DE UM ESPÍRITO DE AMOR, HUMILDADE, PAZ, PERDÃO E COMPAIXÃO À SEMELHANÇA DE CRISTO

Todos os verdadeiros discípulos de Cristo têm este espírito neles. É o espírito que os domina e possui de tal forma que é seu caráter próprio e verdadeiro. Cristo torna isso claro no Sermão do Monte, quando descreve o caráter daqueles que são verdadeiramente abençoados: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os misericordiosos,

porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mat. 5:5,7,9). O apóstolo Paulo nos diz que este espírito é o caráter especial dos eleitos de Deus: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente" (Col 3:12-13). Tiago ensina a mesma coisa: "Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja, amargura e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. Pois onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins. A sabedoria, porém, lá do alto, é principalmente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos" (Tg. 3:14-17).

A santidade, em todos os seus aspectos, faz parte do caráter cristão. Mesmo assim, existem certos aspectos da santidade que merecem o nome de "cristã" de modo especial, pois refletem os atributos divinos particularmente demonstrados por Deus e Cristo ao redimirem os pecadores. As qualidades que tenho em mente são humildade, brandura, amor, clemência e misericórdia.

As Escrituras apontam particularmente essas qualidades no caráter de Cristo. "Aprendeí de mim, porque sou manso e humilde de coração" (Mat. 11:29). Essas qualidades sobressaem naquele título de Cristo "o Cordeiro". O Grande Pastor de ovelhas é, Ele mesmo um cordeiro, e chama aos crentes Suas ovelhas. "Apascenta os meus cordeiros" (Jo. 21:15). "Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos" (Luc. 10:3). Os cristãos seguem a Cristo como o Cordeiro. "São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá" (Apoc. 14:4). Se seguimos o Cordeiro de Deus, devemos imitar sua mansidão e humildade.

As Escrituras salientam as mesmas qualidades no símbolo da pomba. Quando o Espírito Santo desceu sobre Cristo em Seu batismo, desceu sobre Ele como uma pomba. A pomba é um símbolo de mansidão, inocência, amor e paz. O mesmo Espírito que desceu sobre o Cabeça da Igreja desce também sobre seus membros. "Enviou Deus aos nossos corações o Espírito de Seu Filho" (Gal. 4:6). "E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rom. 8:9). "Há somente um corpo em um Espírito" (Ef. 4:4). Segue-se que os verdadeiros cristãos exibirão as mesmas qualidades da pomba, de mansidão, paz e amor que caracterizaram Jesus.

Posso ouvir alguém discordando nesse ponto e perguntando: "E a ousadia cristã, e ser denodado por Cristo, e sermos bons soldados da guerra cristã, tomando posição contra os inimigos de Cristo e Seu povo?"

De fato, existe o que chamamos de coragem e ousadia cristã. Os cristãos mais destacados são os maiores guerreiros e têm um espírito valente e intrépido. É nosso dever como cristãos sermos vigorosos e resolutos na oposição daqueles que tentam derrubar o reino de Cristo e a causa de Seu evangelho. Contudo, muitos interpretam mal a natureza dessa ousadia cristã. Não é uma ferocidade brutal. A ousadia cristã consiste em duas coisas: (i) dominar e suprimir emoções malévolas da mente; (ii) seguir e agir resolutamente baseado nas boas emoções da mente, sem ser perturbado por medo pecaminoso e hostilidade dos inimigos. Embora essa ousadia apareça na oposição a nossos inimigos exteriores, ela aparece muito mais na resistência e conquista dos inimigos dentro de nós. A coragem e decisão do soldado cristão aparecem em sua forma mais gloriosa quando ele mantém calma, humildade e amor santos contra todas as tormentas e injúrias, todos os comportamentos estranhos e eventos perturbadores de um mundo mau e irrazoável. "Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade" (Prov. 16:32).

Há uma falsa intrepidez por Cristo que surge do orgulho. E da natureza do orgulho espiritual querer se destacar dos outros; assim, muitas vezes os homens se opõem àqueles a quem chamam "carnais" simplesmente para ganhar a admiração dos outros. A verdadeira ousadia por Cristo, entretanto, eleva o crente acima do desagrado tanto de amigos como de inimigos; o crente prefere ofender a quem quer que seja, a ofender a Cristo. De fato, a intrepidez por Cristo aparece com mais clareza quando um homem está pronto a perder a admiração dos seus amigos do que quando se opõe aos inimigos com os seus amigos apoiando-o. O cristão verdadeiramente intrépido é corajoso o suficiente para confessar um erro a seus inimigos, se a sua consciência assim o requerer. Fazer isso exige mais coragem do que se opor ferozmente aos inimigos!

Deixem-me dizer algo sobre o espírito cristão do modo como aparece nessas três formas - perdão, amor e misericórdia. As Escrituras são bem claras sobre a necessidade absoluta dessas qualidades no caráter de todo cristão.

Um espírito *perdoador* resulta na prontidão em perdoar os outros do prejuízo que nos causam. Cristo ensina que se temos esse espírito, é um sinal de estarmos nós mesmos num estado de perdão. Por outro lado, se não

temos esse espírito, é sinal que Deus não nos perdoou. "E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores... Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens (as suas ofensas), tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas" (Mat. 6:12, 14-15).

As Escrituras são muito claras a respeito de que todos os cristãos verdadeiros têm um espírito *amorável*. Sobre qualquer outra, esta é a qualidade em que as Escrituras mais insistem como um sinal do verdadeiro cristianismo. "O meu mandamento é este, que vos ameis uns aos outros, assim com eu vos amei" (Jo. 15:12). "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (Jo. 13:35). "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (I Jo. 4:7-8). "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, seria como bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada seria" (I Cor. 13:1-2).

As Escrituras também são claras que aqueles que têm um espírito *misericordioso* são verdadeiros cristãos. Um espírito misericordioso é uma disposição para a piedade e ajuda aos outros homens quando estão em necessidade ou sofrendo. "O justo, porém, se compadece e dá" (Sal. 37:21). "O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado" (Prov. 14:31). "E, se um irmão ou irmã estiverem carecidos de roupa, e necessitados de alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhe disser: ide em paz, aquecei-vos, e fartai-vos, sem, contudo, lhes dardes o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?" (Tg. 2:15-16).

Não me interpretem mal. Não quero dizer que não haja nada contrário ao espírito que descrevi acima quanto ao verdadeiro cristão. O cristão não é totalmente sem pecado. Mesmo assim, digo que sempre que o verdadeiro cristianismo estiver funcionando, terá essa tendência e promoverá esse espírito. As Escrituras não conhecem coisa alguma de verdadeiros cristãos que tenham espírito egoísta, raivoso, briguento. Não importa quais possam ser as experiências religiosas de uma pessoa, ela não tem direito de se pensar verdadeiramente convertida se seu espírito estiver sob o controle de amargor e rancor. Todos os cristãos verdadeiros estão sob o governo do

espírito tipo-cordeiro, tipo-pomba de Jesus Cristo. Todas as emoções espirituais verdadeiras nutrem esse espírito.

10. AS VERDADEIRAS EMOÇÕES ESPIRITUAIS ENTERNECEM O CORAÇÃO E EXISTEM JUNTAMENTE COM UMA TERNURA DO ESPÍRITO CRISTÃO

Emoções falsas podem parecer que derretem o coração por um tempo, porém no fim endurecem-no. As pessoas sob a influência de emoções falsas, eventualmente se tornam menos preocupadas com seus pecados - seus pecados passados, presentes e futuros. Prestam menos atenção às advertências da Palavra de Deus e ao castigo de Sua providência. Tornam-se mais descuidados com o estado de suas almas e o modo de seu comportamento. Diminuem seu discernimento sobre o que é pecaminoso e tornam-se menos temerosos com a aparência do mal naquilo que dizem e fazem. Por quê? Porque têm uma opinião tão elevada sobre si mesmos. Tiveram impressões e experiências religiosas; por isso pensam estar seguros. Quando estavam sob a convicção do pecado e medo do inferno, podem ter sido muito conscienciosos de seus deveres religiosos e morais. Entretanto, agora que pensam não estar mais em perigo do inferno, começam a abandonar o auto-controle e permitem a si mesmos entregar-se a suas várias luxúrias.

Tais pessoas não aceitam a Cristo como seu Salvador *do* pecado. Confiam nEle como o Salvador de seus pecados! Pensam que Cristo lhes permitirá tranquilidade em seus pecados, e os protegerá do desagrado de Deus. Judas fala dessas pessoas como "certos indivíduos se introduziram com dissimulação... que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus" (Jud. 4). O próprio Deus nos alerta a respeito desse erro: "Quando eu disser ao justo que certamente viverá, e ele, confiando na sua justiça, praticar iniquidade, não me virão à memória todas as suas justiça, mas na sua iniquidade, que pratica, ele morrerá" (Ez. 33:13).

As verdadeiras emoções espirituais têm um efeito oposto. Fazem do coração de pedra cada vez mais um coração de carne. Tornam o coração sensível como carne ferida que é facilmente machucada. Cristo indica essa sensibilidade ao falar do verdadeiro cristão como uma criança (Mat. 10:42 e 18:3; Jo. 13:33). A carne de uma criancinha é tenra, assim como o coração de

uma pessoa recém--nascida espiritualmente. Não só a carne, mas a mente de uma criancinha também é delicada; ela sente simpatia facilmente e não pode ver outros em dificuldades. O mesmo ocorre com um cristão. A bondade conquista facilmente a afeição de uma criancinha; assim é com um cristão. A criança se assusta facilmente com a aparência exterior do mal; da mesma forma, um cristão se alarma com a aparência do mal moral. Quando uma criancinha encontra qualquer coisa ameaçadora, não confia em sua própria força, mas corre para seus pais; do mesmo modo, um cristão não tem auto-confiança para lutar com inimigos espirituais, porém corre para Cristo. Uma criancinha suspeita facilmente de perigo no escuro, quando sozinha ou longe de casa. De modo semelhante um cristão se apercebe dos perigos espirituais e se preocupa com a sua alma quando não pode ver claramente o caminho diante dele; teme ser deixado só e a alguma distância de Deus. Uma criança facilmente teme os mais velhos, teme sua ira e treme frente a suas ameaças. Do mesmo modo, um cristão teme ofender a Deus e treme diante do castigo de Deus.

De todos esses modos, um verdadeiro cristão se assemelha a uma criancinha. Nas coisas espirituais, o santo mais amadurecido e mais forte é a menor e a mais sensível das crianças.

11. AS VERDADEIRAS EMOÇÕES ESPIRITUAIS, AO CONTRÁRIO DAI FALSAS, TÊM SIMETRIA E EQUILÍBRIO BELÍSSIMOS

A simetria das virtudes cristãs não é perfeita nesta vida. Mui las vezes é imperfeita pela falta de ensinamento, erros de julgamento, o poder do temperamento natural e muitos outros fatores. Mesmo assim, os verdadeiros cristãos nunca demonstram aquela grotesca falta de equilíbrio que marca a religião dos hipócritas.

Deixem-me dar um exemplo especial do que quero dizer. No verdadeiro cristão, alegria e conforto convivem com tristeza piedosa e lamentação pelo pecado. Nunca sentimos nenhuma tristeza piedosa até que nos tornemos novas criaturas em Cristo, e um dos sinais do verdadeiro cristão é que detesta e continua a detestar o pecado, "Bem--aventurados os que choram porque serão consolados" (Mat. 5:4). A alegria da salvação e uma piedosa tristeza pelo pecado andam juntas na verdadeira religião. Por outro lado, muitos hipócritas se regozijam sem se abalarem.

Hipócritas também demonstram uma grotesca falta de equilíbrio em suas atitudes frente a pessoas e objetos diferentes. Tomem por exemplo o modo como manifestam o amor. Alguns fazem um grande espetáculo do seu amor por Deus e Cristo, mas são briguentos, invejosos, vingativos e caluniadores em relação aos outros homens. Isso é pura hipocrisia! "Se alguém disser: amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (I Jo. 4:20). Por outro lado, existem alguns que parecem muito calorosos, amigáveis e ajudadores dos homens - todavia não têm qualquer amor por Deus!

De novo, existem pessoas que amam àqueles que concordam com eles, e os admiram, porém não têm tempo para aqueles que se opõem e se antipatizam contra eles. O amor do cristão deve ser universal! "Para que vos torneis filhos do vosso Pai celestial, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo?" (Mat. 5:45-6).

Algumas pessoas mostram amor pelos outros em respeito a suas necessidades corporais, entretanto, não têm amor por suas almas. Outras fingem ter um grande amor pelas almas dos homens, mas não têm compaixão por seus corpos. (Fazer uma grande demonstração de piedade e angústia pelas almas muitas vezes não custa nada; para mostrar misericórdia pelos corpos dos homens temos que nos separar de nosso dinheiro!). O verdadeiro amor cristão abrange tanto as almas como os corpos de nossos vizinhos. A compaixão de Cristo era assim, como vemos em Marcos 6:34-44. Sua compaixão pelas almas das pessoas movia-O a ensiná-las e Sua compaixão pelos seus corpos movia-O a alimentá-los pelo milagre dos cinco pãezinhos e dois peixes.

Percebe-se por tudo isto o que tenho em mente quando digo que a falsa religião é desequilibrada e desprovida de simetria. Podemos ver esta falta de equilíbrio de muitos outros modos. Alguns, por exemplo, ficam muito agitados sobre os pecados dos outros cristãos, no entanto não parecem muito preocupados com seus próprios pecados. Um verdadeiro cristão, entretanto, fica mais preocupado com seus próprios pecados do que com os pecados dos outros. É claro que ficará transtornado quando outros cristãos pecarem, mas é sempre mais rápido em detectar e condenar os seus próprios pecados. Existem aqueles que mostram um zelo pela liderança espiritual,

porém sem o zelo correspondente pela oração. Outros sentem emoções religiosas quentes quando em companhia dos cristãos, contudo tornam-se frios na solidão, etc.

12. AS VERDADEIRAS EMOÇÕES ESPIRITUAIS PRODUZEM UM DESEJO POR SANTIDADE MAIS PROFUNDA, DIFERENTEMENTE DAS EMOÇÕES FALSAS AS QUAIS SE SATISFAZEM EM SI MESMAS

Quanto mais um verdadeiro cristão ama a Deus, mais deseja amá-lo e mais inquieto fica por sua falta de amor por Ele. Quanto mais um verdadeiro cristão odeia o pecado, mais deseja odiá-lo e se desagrada por ainda o amar tanto. No máximo, os cristãos têm nesta vida um antegozo de sua futura glória. O crente mais destacado é somente uma criança comparado com o que será no céu. É por isso que os mais altos graus de santidade alcançados pelos crentes neste mundo não extinguem seu desejo por obter santidade ainda maior. De fato, tornam-se mais ávidos a seguir em frente: "Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento" (Fil. 3:13-15).

Alguns podem contra-argumentar: "Como pode esse empenho incessante ser consistente com a satisfação trazida pelo prazer espiritual?" Não há inconsistência nisso. O prazer espiritual satisfaz a alma no que diz respeito a:

(i) O prazer espiritual é perfeitamente adaptado à natureza e às necessidades da alma humana. A pessoa que tem esse prazer nunca se cansa dele. É a alegria mais profunda e ela nunca a trocaria por qualquer outra; isso não significa, entretanto, que uma pessoa ao experimentar algum prazer espiritual não deseje mais do mesmo prazer.

(ii) O prazer espiritual responde às nossas expectativas; grande desejo produz grande expectativa. Quando recebemos alguma alegria mundana que desejamos muito, ela muitas vezes nos desaponta, no entanto, isso não ocorre com os prazeres espirituais! Sempre estão de acordo com nossas expectativas.

(iii) O prazer espiritual satisfaz a alma até o limite em que é capaz de receber satisfação. Mesmo assim, há espaço para a capacidade da alma

expandir-se infinitamente. Se não estivermos satisfeitos espiritualmente na medida como poderíamos ser, o erro é nosso. Não estamos abrindo nossa boca o suficiente.

O prazer espiritual, então, satisfaz de fato a alma nesses aspectos. Ele vem de encontro às nossas necessidades mais profundas; está de acordo com nossas expectativas e nos enche de acordo com nossa capacidade a receber. Tudo isso é perfeitamente coerente com estar sempre sedento por mais, até que nosso prazer se torne perfeito.

As alegrias da religião falsa são diferentes. Quando convicto de pecado e temeroso do inferno, a pessoa pode desejar luz espiritual, fé em Cristo, amor por Deus. Quando experiências falsas levam-no a pensar que está salvo, contenta-se com isso. A pessoa não deseja mais graça e santidade, especialmente se suas experiências tiverem sido muito impressionantes. Não vive para Deus e Cristo no presente, mas vive em dependência de sua conversão no passado.

O verdadeiro cristão é totalmente diferente. Está constantemente procurando a Deus. De fato, "Aqueles que buscam a Deus" é uma das formas em que a Bíblia descreve os verdadeiros crentes. "Vejam isso os aflitos, e se alegrem: quanto a vós outros que buscais a Deus, que o vosso coração reviva" (Sal. 69:32). "Folguem e em ti se rejubilem todos os que te buscam" (Sal. 70:4). As Escrituras delineiam a procura e a diligência do cristão como algo que ocorre principalmente *depois* de sua conversão. As Escrituras estão tratando daqueles que já são cristãos, quando fala sobre correr a corrida, lutar com principados e poderes, levar avante, continuar em oração, clamar a Deus dia e noite. Infelizmente, muitos hoje caíram num modo de falar não bíblico, como se todas as suas lutas e diligências fossem antes de suas conversões e agora, como cristãos, tudo é paz e tranquilidade.

Sem dúvida, alguns hipócritas dirão que constantemente procuram mais de Deus, de Cristo e da santidade, mas um hipócrita não procura, de fato, coisas espirituais, por amor a elas mesmas. Ele sempre tem uma razão centrada em si mesmo. Ele quer melhores experiências espirituais pela auto-confiança que trazem, ou porque lisonjeiam-no como um favorito de Deus. Quer sentir o amor de Deus por *ele*, em vez de ter maior amor por Deus. Por saber que os verdadeiros cristãos devem ter certos desejos, ele os imita. Entretanto, um desejo por experiência, ou por um sentimento do amor de Deus, ou pela morte e o céu, não são os sinais mais confiáveis de um verdadeiro cristão. O melhor sinal é um desejo por um coração mais santo e

uma vida mais santa.

13. O FRUTO DAS VERDADEIRAS EMOÇÕES ESPIRITUAIS É A PRÁTICA CRISTÃ

A prática cristã significa três coisas:

(i) O verdadeiro cristão dirige todos os aspectos de seu comportamento por regras cristãs.

(ii) Faz do viver santo a maior preocupação de sua vida. É seu trabalho e ocupação sobre todas as outras coisas.

(iii) Persevera nessa ocupação constantemente, até o final de sua vida.

Vamos estabelecer esses três pontos pelas Escrituras.

(i) O verdadeiro cristão procura conformar cada área de sua vida às regras da Palavra de Deus. "Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando" (Jo. 15:14). "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro ... Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo" (I Jo. 3:3,7). "Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem os impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus" (I Cor. 6:9-10). "Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam" (Gal. 5:19-21).

Esse comprometimento com a obediência total não significa uma mera esquiva negativa das práticas do mal. Significa também obedecer positivamente os mandamentos de Deus. Não podemos dizer que alguém é um verdadeiro cristão somente por *não* ser um ladrão, mentiroso, blasfemador, bêbado, sexualmente imoral, arrogante, cruel e violento. Também deve ser positivamente temente a Deus, humilde, respeitoso, gentil, pacificador, perdoador, misericordioso e amável. Sem essas qualidades positivas, não está obedecendo às leis de Cristo.

(ii) O verdadeiro cristão faz do viver santo a principal ocupação de sua vida. O povo de Cristo não só faz boas obras, são *zelosos* por boas obras

(Tito 2:14). Deus não nos chamou para a ociosidade, e sim para trabalhar e labutar para Ele. Todos os verdadeiros cristãos são bons e fiéis soldados de Jesus Cristo (II Tim. 2:3). Lutam o bom combate da fé de modo a apossar-se da vida eterna (I Tim. 6:12). Os que estão numa corrida, todos correm, mas somente um recebe o prêmio; pessoas preguiçosas e negligentes não correm de modo a obter aquele prêmio (I Cor. 9:24). O verdadeiro cristão coloca toda a armadura de Deus, sem a qual não resiste aos dardos inflamados do maligno (Ef. 6:13-17). Esquece as coisas que estão para traz e procura pelas que estão adiante, avançando para a meta, visto ser este o único modo de obter o prêmio do chamado de Deus para o alto, em Cristo Jesus (Fil. 3:13-14). Preguiça em servir a Deus é tão condenável quanto rebelião aberta; o servo preguiçoso é um mau servo e será lançado nas trevas exteriores com os inimigos declarados de Deus (Mat. 25:26, 30).

Isso mostra que um verdadeiro cristão é alguém diligente, fervoroso e comprometido em sua religião. Como é colocado em Hebreus: "Desejamos, porém, continue cada um de nós mostrando até ao fim a mesma diligência para a plena certeza da esperança; para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas" (Heb. 6:11-12).

(iii) O verdadeiro cristão persevera em sua obediência a Deus através de todas as dificuldades enfrentadas, até ao fim de sua vida. As Escrituras ensinam de modo completo que a verdadeira fé persevera; vejamos, por exemplo, a parábola do semeador (Mat. 13:3-9, 18-23).

O ponto central enfatizado pelas Escrituras na doutrina da perseverança é que o verdadeiro cristão mantém-se acreditando e obedecendo, a despeito dos vários *problemas* que encontra. Deus permite que esses problemas surjam nas vidas das pessoas que se proclamam cristãos a fim de testar a verdade de sua fé. Então torna-se claro para eles, e muitas vezes para os outros, se realmente estão levando a sério seu relacionamento com Cristo. Esses problemas são às vezes de ordem espiritual, como uma tentação particularmente sedutora. Às vezes as dificuldades são de ordem externa, como os insultos, zombaria e perda de posses a que nosso cristianismo possa nos expor. O sinal do verdadeiro cristão é que ele persevera através desses problemas e dificuldades, mantendo-se leal a Cristo.

Eis alguns textos que relatam o exposto. "Pois tu, ó Deus, nos provaste; acrisolaste-nos como se acrisola a prata. Tu nos deixaste cair na

armadilha; oprimiste as nossas costas; fizeste que os homens cavalgassem sobre as nossas cabeças; passamos pelo fogo e pela água, porém, afinal, nos trouxeste para um lugar espaçoso" (Sal. 66:10-12). "Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a prova; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que os amam" (Tg. 1:12). "Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Apoc. 2:10).

Admito que os verdadeiros cristãos podem se tornar espiritualmente frios, cair em tentação e cometer grandes pecados. Entretanto, nunca podem cair tão totalmente que se cansem de Deus e da obediência, e assentar-se num desgosto deliberado pelo cristianismo. Nunca podem adotar um modo de vida no qual outra coisa se jamais importante que Deus. Nunca podem perder inteiramente sua distinção do mundo incrédulo, ou reverter exatamente ao que eram antes de sua conversão. Se esse é o resultado dos problemas num cristão professo, fica demonstrado que nunca foi um verdadeiro convertido! "Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (I Jo. 2:19).

As verdadeiras emoções espirituais, então, resultam sempre na prática cristã. Por quê? Posso responder a isso lembrando-lhes do que já foi exposto sobre a natureza das emoções espirituais:

(i) *As verdadeiras emoções espirituais resultam na prática cristã porque emergem de influências espirituais, sobrenaturais e divinas no coração.* Não é de admirar que as emoções espirituais tenham tanta influência prática, quando têm a onipotência do lado delas! Se Deus habita no coração, Ele mostrará que é Deus pelo poder que Ele exerce. Cristo não está no coração do cristão como um salvador morto num túmulo, e sim como um Salvador ressurreto e vivo em Seu templo. As emoções espirituais podem ser menos barulhentas e pomposas que outras, todavia têm em si essa vida e poder secretos que conquistam o coração, fazendo-o cativo à vontade de Deus.

(ii) *As emoções espirituais resultam na prática cristã porque seu propósito é a beleza das coisas espirituais, não o nosso interesse próprio.* As pessoas têm um cristianismo defeituoso porque estão procurando seu

próprio interesse nele, não o interesse de Deus. Assim, aceitam o cristianismo somente até o ponto em que pensam servir a seus interesses. Em contraste, uma pessoa que aceite o cristianismo por sua própria natureza excelente e bela, aceita a tudo que tenha essa natureza. Abraça o cristianismo por amor a ele mesmo, e assim abraça à totalidade do cristianismo. Essa é a razão de o verdadeiro cristão praticar sua fé com perseverança. Os interesses particulares de uma pessoa podem chocar-se com o cristianismo depois de algum tempo. Assim, alguém que aceite o cristianismo por motivos egoísticos está sujeito a abandoná-lo por motivos egoísticos. Interesses particulares mudam, porém a beleza espiritual do cristianismo nunca muda. É estável e sempre a mesma.

(iii) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque são fundamentais na excelência moral das coisas divinas.* Não é de admirar que um amor pela santidade em si mesma inspire alguém a praticar santidade! Preciso dizer mais?

(iv) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque surgem do entendimento espiritual.* Lembrem-se, entendimento espiritual é um sentimento do coração pelo qual uma pessoa vê a suprema beleza das coisas divinas. Quando vemos a suprema beleza e glória de Cristo, vemos que Ele é digno de nossa adoração, nossa obediência, nossas próprias vidas. Isso nos faz segui-10, a despeito de todas as dificuldades. Não podemos esquecê-10 ou trocá-10 por outra coisa. Ele nos impressionou muito profundamente!

(v) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque trazem uma convicção da realidade das coisas divinas.* Se alguém nunca esteve completamente convencido de haver veracidade no cristianismo, não é de admirar que não se incomode em praticá-lo de modo diligente e sério! Não é de admirar que não se comprometa a uma obediência perseverante ao que pode se mostrar irreal! Por outro lado, se alguém tem plena convicção da verdade das coisas divinas, essas coisas influenciarão sua prática mais que qualquer outra coisa. Por quê? Por causa de sua infinita importância e significado. Não podemos crer completa e sinceramente em coisas tão sublimes sem estar sob sua influência controladora.

(vi) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque sempre coexistem com a humilhação espiritual.* Humildade perante Deus inspira obediência, assim como orgulho inspira rebelião. Humildade, então, necessariamente leva à prática cristã.

(vii) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque sempre*

coexistem com uma mudança de natureza. Os homens não mudarão completamente suas práticas exceto se tiverem uma mudança de natureza. Até que a árvore seja boa, o fruto não será bom. Se uma pessoa não convertida tentar viver uma vida cristã, estará agindo contra sua natureza pecaminosa. É como jogar uma pedra para cima. A natureza finalmente prevalece e a pedra cai novamente. Contudo, se recebemos uma nova natureza celestial em Cristo, é natural que andemos em novidade de vida e continuemos a fazê-lo até o fim de nossos dias.

(viii) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque promovem um espírito cristocêntrico.* Todas as qualidades que mencionei nesse título - amor, humildade, paz, perdão, compaixão -completam a segunda tábua dos mandamentos de Deus (os últimos seis mandamentos). De forma geral, é disso que trata a prática cristã!

(ix) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque abrandam o coração e existem juntamente com a mansidão cristã de espírito.* O coração abrandado e a longanimidade de espírito do verdadeiro cristão fazem-no extremamente sensível ao pecado. É óbvio que isso exerce uma profunda influência do modo como ele conduz a sua vida.

(x) *Emoções espirituais resultam na prática cristã por causa da sua simetria e equilíbrio belíssimos.* A simetria e equilíbrio das emoções espirituais produzirão uma obediência correspondente. O cristão não obedecerá a alguns dos mandamentos de Deus, ignorando outros. Ele está determinado a ser santo em todas as áreas de sua vida, em todas as circunstâncias, em todos os tempos.

(xi) *Emoções espirituais resultam na prática cristã porque produzem um desejo por santidade mais profunda.* Se o leitor voltar ao capítulo anterior (11), verá que obviamente esse tem que ser o caso. Um desejo por santidade mais profunda não resulta na falta de prática cristã!

A partir de tudo isso, fica claro que a prática cristã é um fator distinguidor da verdadeira conversão. Direi mais. A prática cristã é a mais importante de todas as marcas e sinais de conversão, tanto para o próprio crente como para os outros.

Vou dedicar os próximos dois capítulos a isso, de modo que possamos ter uma compreensão correta sobre essas coisas.

14. A PRÁTICA CRISTÃ É, PARA OS OUTROS, O PRINCIPAL SINAL DA SINCERIDADE DE UM CONVERTIDO

A prática cristã é o principal sinal pelo qual podemos julgar a sinceridade de cristãos professos. As Escrituras são muito claras sobre isso. "Pelo seus frutos os conhecereis" (Mat 7:16), "Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom, ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore" (Mat. 12:33). Em nenhum lugar Cristo diz: "Conhecereis a árvore por suas folhas e flores. Conhecereis os homens pelo que dizem, pelas histórias que contam de suas experiências, por suas lágrimas e expressões emocionais". Não! "Pelos seus frutos os conhecereis. Pelo fruto se conhece a árvore."

Cristo nos aconselha que procuremos pelos frutos da prática cristã nos outros. Também nos exorta que devemos mostrar esse fruto aos outros em nossas próprias vidas. "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mat. 5:16). Cristo não diz: "Assim brilhe também a vossa luz, exprimindo aos outros seus sentimentos e experiências." É quando os outros vêem nossas boas obras que glorificarão nosso Pai que está nos céus.

O restante do Novo Testamento diz o mesmo. Por exemplo, em Hebreus lemos sobre aqueles que foram iluminados, provaram o dom celestial e assim por diante, e caíram (Heb. 6:4-8). Então, no versículo 9 diz: "Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação." Por que o escritor de Hebreus estava tão confiante que a fé *deles* era verdadeira e que *eles* não cairiam? Por causa de sua prática cristã. Vejam o versículo 10: "Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos."

Encontramos o mesmo ensinamento em Tiago. "Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras?" (Tg. 2:14). Tiago está nos dizendo que não adianta *dizer* que temos fé, se não mostrarmos nossa fé pelas boas obras. Tudo o que dizemos será inútil, se não for confirmado pelo que fazemos. Testemunhos pessoais, histórias sobre nossos sentimentos e experiências - tudo inútil sem boas obras e prática cristã.

De fato, isto é bom senso. Todos sabemos que "ações falam mais alto que palavras." Isso se aplica tanto ao domínio espiritual quanto ao natural.

Imagine duas pessoas, uma parece andar humildemente perante Deus e os homens, viver uma vida que fala de um coração penitente e contrito; é submissa a Deus na aflição, mansa e gentil para com os outros homens. A outra *fala* sobre quão humilde é, como se sente condenada pelo pecado, como se prostra no pó perante Deus, etc; não obstante, se *comporta* como se fosse o cabeça de todos os cristãos da cidade! É mandona, importante perante ela mesma e não suporta crítica. Qual dessas duas dá a melhor demonstração de ser uma verdadeira cristã? Não é falando às pessoas sobre nós mesmos que demonstramos nosso cristianismo. Palavras custam pouco. É pela dispendiosa e desinteressada prática cristã que mostramos a autenticidade de nossa fé.

Estou supondo, é claro, que essa prática cristã existe numa pessoa que diz acreditar na fé cristã, pois o que estamos testando é a sinceridade daqueles que se dizem cristãos. Uma pessoa não pode proclamar-se cristã sem reivindicar certas coisas. Não iríamos - e não deveríamos - aceitar como cristão alguém que negue as doutrinas cristãs essenciais, não importa quão bom e santo ele pareça. Junto com a prática cristã, deve haver uma aceitação das verdades básicas do evangelho. Essas incluem crer que Jesus é o Messias, que morreu para satisfazer a justiça de Deus contra nossos pecados, e outras doutrinas dessa ordem. A prática cristã é a melhor prova da sinceridade e salvação daqueles que dizem acreditar nessas verdades, mas não prova coisa alguma sobre a salvação daqueles que as negam!

Eu só acrescentaria o que já disse antes (Parte dois, capítulo 12), que nenhuma aparência exterior é sinal *infallível* de conversão. A prática cristã é a *melhor* evidência que temos de que um cristão professo é um cristão verdadeiro. Leva-nos a acreditar em sua sinceridade e aceitá-lo como irmão em Cristo. Mesmo assim, não é prova cem por cento infalível. Para começar, não podemos ver todo o comportamento manifestado de uma pessoa; muito dele está escondido do mundo. Não podemos ver dentro do coração da pessoa para ver seus motivos. Não podemos estar certos até que ponto pode ir uma pessoa não convertida na aparência exterior de cristianismo. Contudo, se pudéssemos ver toda a prática que a consciência da própria pessoa conhece, poderia então ser um sinal infalível de sua condição de pessoa salva. A verdade sobre isso aparecerá no capítulo seguinte.

15. A PRÁTICA CRISTÃ É SINAL CERTO DE CONVERSÃO PARA A CONSCIÊNCIA DA PRÓPRIA PESSOA

Isso está claro em I Jo. 2:3: "sabemos que o temos conhecido por isso: se guardamos os seus mandamentos." João diz que podemos ter certeza de salvação se nossas consciências testemunharem sobre nossas obras: "Filhinhos, não amenos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade. E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração" (I Jo. 3:18-19). O apóstolo Paulo diz aos gálatas que examinem seu próprio comportamento, de modo que possam se alegrar em sua salvação: "prove cada um o seu labor, e então terá motivo de gloriar-se unicamente em si, e não em outro" (Gal. 6:4). Quando Cristo diz: "pelos seus frutos os conhecereis" (Mat. 7:20), é em primeiro lugar uma regra para julgar os outros; mas Ele também quer que julguemos a nós mesmos por essa regra, como o próximo versículo mostra claramente: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mat. 7:21).

O que quer dizer a Bíblia, exatamente, com "guardar os mandamentos de Cristo", "fazer a vontade do Pai", e assim por diante

- o que temos chamado de prática cristã - quando faz disso a base da segurança?

A prática cristã certamente não se refere unicamente a ações físicas exteriores. Obediência é um ato do homem como um todo, alma e corpo. De fato, obediência é real e propriamente um ato da alma, uma vez que a alma governa o corpo. Assim, a prática cristã se refere mais à obediência interior da alma do que às ações externas do corpo.

A alma cristã pode agir de dois modos:

(i) A alma pode agir de modo puramente *interior*, que não resulta em ações físicas exteriores. Quando meditamos simplesmente sobre a verdade de Deus, nossas mentes descansam nessa verdade e não vão além disso para qualquer ação exterior.

(ii) A alma pode agir de modo *prático*, o que resulta em ações físicas exteriorizadas. Por exemplo, compaixão pode nos levar a dar um copo de água a um discípulo de Cristo (Mat. 10:42), ou o amor de uma pessoa por Cristo pode fazê-la tolerar todas as perseguições por amor a Cristo. Eis a obediência da alma, esforçando-se em ações físicas.

Quando as Escrituras fazem da prática cristã a evidência de nossa fé

para os outros, refere-se ao que podem ver de nossa prática

- nossas ações físicas exteriores. Contudo, quando as Escrituras fazem da prática cristã a evidência de nossa fé para *nós mesmos*, refere-se ao que *nós* podemos ver de nossa prática - e nós podemos ver os motivos interiores por trás de nossas ações exteriorizadas. Assim, o cristão precisa julgar sua própria prática, não somente pelo que faz exteriormente com o seu corpo, e sim pelos motivos interiores de sua alma, que controlam suas ações físicas. É assim que Deus nos julga: Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto de suas ações" (Jer. 17:10). "E todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mente e coração, e vos darei a cada um, segundo as vossas obras" (Apoc. 2:23). Se Deus nos julga somente por nossas ações exteriores, por que Ele sonda nossas mentes e corações? Deus se interessa não somente por nossas ações e obras, porém pelo espírito que está por trás delas.

Tendo dito tudo isso, não quero que alguém pense que motivos são tudo o que importa, e que o que fazemos exteriormente com nossos corpos é irrelevante. Jamais! Não podemos separar alma e corpo desse modo. A alma governa o corpo. Motivos santos produzem um modo de vida obediente. Assim, uma pessoa que vive de modo exterior pecaminoso não pode usar a desculpa que seu coração está no lugar correto. O coração dum homem não pode ser puro, ao mesmo tempo que seus pés o carregam para um prostíbulo! Isso é absurdo. A prática cristã inclui as duas coisas - os motivos interiores e as ações exteriores. Precisamos passar no teste nas duas áreas. Boas ações exteriores sem motivos santos interiores não são prática cristã - nem motivos supostamente espirituais que não produzem obediência física e prática.

A prática cristã é a melhor evidência da verdadeira fé para a consciência do próprio crente. Não deveríamos confiar muito em experiências religiosas, convicções, confortos, alegrias ou aquelas meditações interiores que não resultam em obediência prática. Deixem-me dar seis argumentos para mostrar que devemos adquirir segurança principalmente a partir da prática cristã:

(i) Meu primeiro argumento resulta do bom senso. A prova da preferência de alguém por algo é o fato dele fazer essa coisa. Quando alguém é livre para falar ou silenciar, a prova de que prefere falar é que abre sua boca e fala. Quando alguém é livre para andar ou ficar parado, a prova que prefere andar é que levanta-se e anda. Da mesma forma, a prova que um homem

prefere obedecer a Deus a desobedecê-LO, é que obedece. Assim, é absurdo que alguém pretenda ter um bom coração enquanto vive uma vida de desobediência. Está tentando enganar a Deus? O Juiz de toda a terra não será ridicularizado com fingimentos. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (Mat. 7:21-23). Não importa quantas experiências religiosas tenhamos, mesmo que façamos milagres, não podemos esconder uma vida desobediente de nosso Juiz. Não podemos impressioná-LO ou enganá-LO com nossas desculpas. Ora, nem um amo humano toleraria um servo que professasse grande amor e lealdade a seu amo, e no entanto se recusasse a obedecê-lo!

(ii) Meu segundo argumento resulta da providência de Deus. Deus manda problemas e testes para as nossas vidas, para ver se na prática vamos preferir a Ele ou a outras coisas. Encontramo-nos numa situação em que Deus está de um lado e outra coisa do outro - e não podemos ter os dois. Precisamos escolher. Nossas escolhas práticas nessas situações mostram se amamos a Deus acima de tudo, ou não. "Recordar-te-ás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos" (Deut. 8:2).

Estes testes são para nosso benefício, não o de Deus. Eleja sabe o que está em nossos corações. Ele nos defronta com situações de teste de modo que nós possamos saber o que está em nossos corações. Deus está nos educando, não a Si mesmo! Reconhecendo que esse é o modo pelo qual Deus nos ensina sobre nossos corações, damos prova que nossa prática é a verdadeira evidência de nossa sinceridade.

(iii) A prática cristã conduz o novo nascimento para a perfeição. Tiago diz que a obediência prática de Abraão aperfeiçoou sua fé. "Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou" (Tg. 2:22). João diz que nossa obediência aperfeiçoa nosso amor por Deus: "Aquele que diz: eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade.

Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele verdadeiramente

tem sido aperfeiçoado o amor de Deus" (I Jo. 2:4-5).

Assim, a prática cristã aperfeiçoa fé e amor. São como uma semente. A semente não chega à perfeição por ser plantada na terra. Nem por desenvolver raízes e brotos, ou por sair do chão, nem por desenvolver folhas e botões. Entretanto, quando produz frutos bons e maduros, chegou à perfeição - completou sua natureza. O mesmo ocorre com fé e amor e todos os outros dons. Chegam à perfeição em frutos bons e maduros da prática cristã. A prática, então, deve ser a melhor evidência de que esses dons existem.

(iv) As Escrituras dão mais ênfase à prática do que a qualquer outra evidência de salvação. Espero que isso esteja claro agora. Temos que nos manter nessa ênfase. É perigoso dar importância a coisas que a Bíblia não endossa. Teremos perdido nosso equilíbrio bíblico se dermos maior importância aos sentimentos e experiências que não se expressem em obediência prática. Deus sabe o que é melhor para nós, e tem salientado certas coisas porque precisam ser salientadas. Se ignorarmos a ênfase clara, de Deus, na prática cristã, e insistirmos em outras coisas como testes de sinceridade, estamos no caminho da ilusão e hipocrisia.

(v) As Escrituras falam muito *claramente* sobre a prática cristã como o verdadeiro teste de sinceridade. Não é como se isso fosse alguma doutrina obscura, somente mencionada algumas vezes em passagens difíceis. Suponhamos que Deus desse uma revelação nova hoje, e declarasse: "Conhecereis meus discípulos por isso, sabereis que são da verdade por isso, sabereis que são Meus por isso" - e então desse uma marca ou sinal especial. Não veríamos nisso um teste claro e enfático de sinceridade e salvação? Bem, isto é o que tem ocorrido! Deus tem *falado* dos céus - na Bíblia! Ele nos disse muitas e muitas vezes que a prática cristã é a prova mais alta e melhor da fé verdadeira. Vejam como Cristo repete isso no texto do capítulo 14 do Evangelho de João: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (v. 15). "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama" (v. 21). "Se alguém me ama, guardará a minha palavra" (v. 23). "Quem não me ama, não guarda as minhas palavras" (v. 24). E no capítulo 15: "Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos" (v. 8). "Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando" (v. 14). E encontramos a mesma coisa em I João: "Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos" (2:3). "Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele verdadeiramente tem

sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele" (2:5). "Não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade. E nisso conheceremos que somos da verdade" (3:18-9). Acaso não está claro?

(vi) Deus nos julgará por nossa prática no Dia do Juízo. Ele não pedirá que demos nosso testemunho pessoal. Não examinará nossas experiências religiosas. A evidência pela qual o Juiz nos aceitará ou rejeitará será a nossa prática. Essa evidência, é claro, não será para o benefício de Deus. Ele conhece nossos corações. Mesmo assim, Ele exporá a evidência de nossa prática por causa da natureza aberta e pública do julgamento final. "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou mal que tiver feito por meio do corpo" (II Cor. 5:10). Se a nossa prática é a evidência decisiva que Deus usará no Dia do Juízo, é o teste que deveríamos aplicar a nós mesmos aqui e agora.

Conforme esses argumentos, penso que está claro que a prática cristã (como a defini) é a melhor evidência, para nós mesmos e para os outros, que somos verdadeiros cristãos.

E claro, quando alguém acabou de ser convertido, ele ainda não teve oportunidade de praticar uma vida santa. Pode ter certeza da salvação baseada puramente em suas emoções e experiências interiores. Isso não altera o fato que a evidência *melhore mais sólida* da salvação de uma pessoa é quando suas emoções e experiências se expressam numa vida de obediência prática. Um homem pode estar disposto a seguir numa viagem perigosa para um país distante. Pode ter certeza de estar preparado para toda dificuldade e sacrifício que deve suportar. Ainda assim, a melhor prova, para ele mesmo e para os outros, de que realmente está disposto e preparado para essa viagem é *que vá*.

As pessoas levantarão duas objeções principais ao que eu disse. A primeira objeção é que a experiência espiritual, e não a prática, é a verdadeira prova de que somos cristãos. Isso é um equívoco quanto ao que eu disse. Falar de experiência espiritual e prática cristã como se fossem duas coisas separadas é completamente errado. A prática cristã é prática espiritual. Não é um corpo agindo impensadamente. É a ação de alma e corpo juntos, a alma se movimentando e governando o corpo. Assim, a prática cristã não exclui experiência espiritual. Não praticaríamos verdadeira obediência sem os atos espirituais da alma. A emoção do amor por Deus não é uma experiência não espiritual apenas por mostrar-se numa ação exterior de auto-negação!

Existe uma prática religiosa exterior sem experiência interior. Isso

não tem nenhum valor. Entretanto, também existe experiência religiosa sem prática, sem comportamento cristão. Isso é pior que nada! A verdadeira experiência espiritual ocorre quando amamos a Deus e nosso amor nos faz escolhê-LO, obedecê-LO e ser-Lhe fiel em todas as situações difíceis e de provação. A amizade entre seres humanos consiste principalmente numa afeição interior; mas quando sua afeição uns pelos outros de fato passa por prova de água e fogo -essa é a maior prova de amizade.

A segunda objeção é que minha ênfase na prática é legalista - concentra-se excessivamente em obras, e assim afastará as pessoas da grande doutrina bíblica da justificação somente pela fé.

Isso é tolice. Não disse que a nossa prática é *o preço* do favor de Deus. Eu disse que é o *sinal* do favor de Deus. Se eu desse algum dinheiro a um pedinte, e o pedinte visse o dinheiro como um sinal de meu amor por ele, porventura isso destruiria a gratuidade de meu amor? É claro que não. Nem destrói a gratuidade do amor de Deus por nós, se virmos a obediência que cria em nós como um sinal de Seu amor.

A doutrina da livre graça de Deus aos pecadores significa que não há boa qualidade em nós que possa ganhar ou merecer Sua graça. Deus ama Seu eleito livre e soberanamente, em razão das riquezas infinitas de Sua própria natureza divina, não por qualquer beleza no eleito. De modo semelhante, a justificação sem obras significa que nenhuma qualidade ou ação amorável em nós pode jamais expiar os nossos pecados. Deus nos aceita como justos pela obediência de Cristo, não a nossa. E quando as Escrituras fazem o contraste da fé com as obras, significa que os pecadores não são unidos a Cristo pela beleza ou bondade de suas obras, ou seus sentimentos, ou qualquer outra coisa neles. De fato, não é sequer a beleza ou bondade de nossa fé que nos une a Cristo! A fé nos liga ao Salvador totalmente separada de qualquer bondade ou beleza que tenhamos. Por quê? Simplesmente porque fé *significa* receber, aceitar e descansar em Jesus com nossas ai mas.

Sejamos bem claros sobre isso. A gratuidade da graça de Deus *seria* destruída se a beleza e excelência de qualquer coisa que fosse em nós, nos unisse a Cristo. Amor por Deus, alegria espiritual, auto-renúncia, experiência, sentimentos, obras - não importa quão boa qualquer dessas coisas seja, sua bondade não nos une a Cristo. Não ensinei isso em parte alguma! Ensinei que essas coisas são *sinais* de nossa união com Cristo, Mostram que *estamos* unidos a Ele somente pela fé.

Ter uma atitude casual a respeito de boas obras porque não nos justificam, de fato não é diferente de ser casual sobre toda a obediência, toda a santidade, toda a inclinação espiritual - pois também não nos justificam! Todavia, que cristão dirá que um zelo pela obediência, santidade e inclinação espiritual é inconsistente com a justificação pela fé? A prática santa é o sinal da fé, assim como atividade e movimento são sinais de vida.

16. CONCLUSÃO

Quanto desgosto a Igreja poderia ter evitado, se os cristãos tivessem perseverado naquilo que as Escrituras nos ensinam sobre uma verdadeira experiência de salvação! As Escrituras nos dizem para julgarmos a nós mesmos e aos outros nesse assunto, principalmente pelo fruto da obediência cristã prática. Se ao menos tivéssemos nos detido nisso, a hipocrisia e auto-engano seriam expostos de modo mais poderoso que qualquer outro meio. Isso nos salvaria da confusão sem fim causada pelas teorias feitas pelo homem sobre o que deveríamos estar experimentando. Evitaria que os cristãos negligenciassem a santidade da vida. Encorajá-los-ia a mostrar seu cristianismo pela beleza de sua conduta, e não pelo constante declarar de suas experiências. Amigos cristãos conversariam sobre suas experiências de modo mais modesto e humilde, procurando edificar e não impressionar uns aos outros. Muitas oportunidades de orgulho espiritual seriam extirpados, para a frustração do diabo. Pessoas mundanas parariam de rir ou caçoar do cristianismo devido às loucuras dos cristãos; ao contrário, os incrédulos seriam convencidos que há verdade no cristianismo e prestariam atenção a suas pretensões, quando vissem as vidas dos crentes.

E assim, a luz dos cristãos brilharia perante os homens e outros veriam suas boas obras e glorificariam a seu Pai nos céus!